



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

MARIA RODRIGUES MONTEIRO DUARTE

**As Práticas Pedagógicas em Geografia Mediadas na Cibercultura:
Uma Análise na Plataforma Digital *Instagram*.**

CAJAZEIRAS – PB

2022

MARIA RODRIGUES MONTEIRO DUARTE

**As Práticas Pedagógicas em Geografia Mediadas na Cibercultura:
Uma Análise na Plataforma Digital *Instagram*.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia pelo Curso de Licenciatura em Geografia, da Unidade Acadêmica de Geografia, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande – UNAGEO/CFP/UFCG.

Orientador: Prof. Dr. Aldo Gonçalves de Oliveira

CAJAZEIRAS – PB

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

D812p

Duarte, Maria Rodrigues Monteiro.

As práticas pedagógicas em geografia mediadas na cibercultura: uma análise na plataforma digital instagram / Maria Rodrigues Monteiro Duarte. - Cajazeiras, 2022.

66f. : il. -

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Aldo Gonçalves de Oliveira.

Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2022.

1. Geografia - prática pedagógica. 2. Ensino de geografia.
3. Cibercultura. 4. Educação geográfica. 5. Plataformas digitais.
6. Saberes geográficos no ciberespaço. 7. Redes sociais.
8. Instagram em geografia. 9. Ciberespaço. 10. Espacialidade virtual. I. Oliveira, Aldo Gonçalves de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores.
IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 91: 37.01

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM GEOGRAFIA MEDIADAS NA CIBERCULTURA: UMA ANÁLISE NA PLATAFORMA DIGITAL *INSTAGRAM*.

Trabalho apresentado à Coordenação da Unidade Acadêmica de Geografia (UNAGEO) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras-PB como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Geografia.

Aprovado em: 29/08/2022 Nota: 10,0 (Dez)

BANCA EXAMINADORA

Aldo Gonçalves de Oliveira

Prof. Dr. Aldo Gonçalves de Oliveira
(CFP-UFCG-Orientador)

Rodrigo Bezerra Pessoa

Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa
(CFP-UFCG- Examinador Interno)

Cícera Cecília Esmeraldo Alves

Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves
(CFP-UFCG- Examinador Interno)

Dedico esse trabalho a minha avó Perpetua Angelina (*in memoriam*), por ter me instigado a seguir sempre os melhores caminhos na vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente pelo dom da vida e por me permitir chegar a este momento tão esperado, sobretudo para minha realização pessoal e profissional. Compreendo cada momento de dificuldade e de luta para a conclusão desta monografia como um aprendizado, e uma prova de que é possível nos superarmos a cada novo dia.

A minha família, por ter acompanhado de perto nesses últimos anos de curso diante do cenário de ensino remoto. Por toda paciência que minha mãe Geralda Perpetua e meus irmãos Khauê e Khauanny tiveram diante das minhas crises de ansiedade e momentos difíceis no tocante a conciliação de tempo entre trabalho docente e estudos. Quero agradecer também a minha irmã Natalia, por todo apoio e motivação nos dias ruins, uma pessoa de luz, a qual admiro e tenho orgulho da sua força como mulher. Não poderia deixar de agradecer ao meu sobrinho lindo, que me alegra e contagia com suas risadas e brincadeiras, a fonte de amor mais pura das nossas vidas, Hariel de Lima. Ao meu tio José Neto, por me incluir em suas orações. E por último, mas não menos importante, ao meu melhor amigo, meu companheiro, meu confidente Vinícius Freitas, a pessoa que conheci através da graduação em 2019 e até então tem me proporcionado momentos incríveis, de muito amor e companheirismo, gratidão pela paciência e dedicação que tens comigo.

Ao meu orientador, professor Dr. Aldo Oliveira, por todos os ensinamentos desde a disciplina de estágio I, projetos de pesquisa, projetos de leitura, projeto de iniciação científica (PIBIC), a participação no Programa Residência Pedagógica, até esse momento do trabalho de conclusão de curso. Toda essa nossa trajetória juntos (mesmo que de forma virtual) evidenciou o a pessoa batalhadora e inteligente que és. Gratidão por todas as trocas! Na oportunidade agradeço ao preceptor Professor Thiago, que se dedicou e fez acontecer a interação com a Escola básica no período em que participei do Residência Pedagógica.

Externo meus agradecimentos a todos os professores que compõem a unidade acadêmica de geografia, cada um de vocês foram essenciais para minha formação docente. Em especial professor Dr. Rodrigo Pessoa por demonstrar com sua simpatia e seu otimismo como a docência é incrível. A professora Dra. Ivalda Dantas, a qual tive a oportunidade de compartilhar momentos únicos através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de 2018 a 2020. Foram muitos eventos, publicações, momentos emocionantes e de muito aprendizado. Minha inserção nesse programa foi o que me situou de

fato na sala de aula e me fez seguir num curso de licenciatura, além de me proporcionar conhecer lugares que jamais me imaginei neles.

Aproveito para agradecer aos colegas de jornada durante o PIBID, momento em que tivemos a oportunidade de criar laços e superar os perrengues da Universidade juntos, a exemplo de Jefson Dantas, Moema Vieira (temos muitas histórias boas e bem humoradas pra contar), Jonathan Almeida, que muito contribuiu para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas durante as regências (minha dupla no programa por um tempo), depois segui sozinha em sala de aula, enfrentando toda a minha timidez e insegurança. Agradeço imensamente ao meu SUPERvisor, Francisco Odair, com ele aprendi a traçar estratégias de ensino em geografia, além de desenvolver uma postura como docente em sala de aula. Na ocasião agradeço a todos que fazem a E.M.E.I.F. Matias Duarte Rolim, pela acolhida durante o PIBID e estágio I.

Agradeço ainda a todos que compõem a turma 2017.1 do curso de licenciatura em geografia desta unidade acadêmica, a famosa “Geo Mundiça” em especial minha migle Karina Caldas, pretendo levar sempre nossa amizade comigo, gratidão por todos nossos momentos, de conversas, desabafos, companheirismo, rolês e pela paciência que tens comigo. Ao caríssimo Julio César, parceiro de trabalhos, angustias e resenhas durante essa jornada de curso. A Emanuel Sillas que foi um amigo muito presente nos períodos iniciais. As meninas superpoderosas Érida Dantas e Brenda Stefany, que apesar de não pertencermos a mesma turma, foram minhas companheiras de estudos, construção e apresentação de oficina, dentre outros. Com elas aprendi muito, além conhecer as pessoas maravilhosas que são.

Meus agradecimentos também ao professor Jonathan, que em 2017 fez parte da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS), e tive a oportunidade de ser monitora em sua disciplina de introdução a sociologia, foi o meu primeiro contato com programas da Universidade, uma experiência única e que me fez querer vivenciar ainda mais o ambiente acadêmico extra classe. Gostaria de agradecer ainda a professora Adriana Moreira da Unidade Acadêmica de Letras (UAL), que se dispôs a colaborar com esta pesquisa, me enviando alguns materiais, os quais contribuíram na construção de ideias.

Não poderia deixar de agradecer aos meus ilustres amigos Mirele Lunguinho, Lázaro Alves e Vitória Martins. Estes, marcaram parte do meu percurso na universidade. Durante meses, dividimos o mesmo teto, as mesmas loucuras, as mesmas angustias e por algumas vezes até o valor do kg de sal (rsrsrs). Levo comigo o melhor de cada um de vocês. Lázaro, muito

amoroso e cuidadoso, cuidava de mim como se fosse sua irmã, e de fato, é assim que nos consideramos. Mirele, dividia comigo não só o quarto, mas também as emoções, tínhamos muitas histórias em comum e isso nos aproximou ainda mais. Vitória, sempre meiga, calma e dedicada, me fazia sorrir mesmo em momentos difíceis, uma pessoa que sempre busca agradar os que vivem ao seu redor.

Antes de dividir aluguel fui acolhida como hospede na residência feminina do campus. Sou muito grata as meninas que me receberam, a exemplo de Edcleide Lima, que me situou desde a seleção para hospedagem até o momento da recepção, assim como me ajudou com dicas e partilhou suas experiências como aluna egressa deste curso.

Ao longo dessa jornada acadêmica, adquiri maturidade, experiências grandiosas e boas amizades, mas não posso esquecer-me dos amigos de infância, que sempre se mostraram presente de alguma forma, alguns até contribuíram para minha permanência na universidade. Velhas amizades como Antônia Jocerlania, José Rodrigues, Francieuda César, e Larissa Andrade, vocês são sinônimos de amizade verdadeira, e o famoso clichê do ensino fundamental pra vida, é nosso lema.

E ainda, a todos que de forma direta ou indireta contribuíram com a minha jornada acadêmica, muitas foram as pessoas que cruzaram meu caminho e deixaram sua contribuição.

A todos, gratidão!

RESUMO

No decorrer das últimas décadas é notável os avanços significativos no âmbito da tecnologia, da informação e do imediatismo humano por meio de redes de conexão. O ciberespaço tem sido palco de subjetivação humana, o qual corrobora com uma sociedade marcada pela ubiquidade. Trata-se de uma cultura que se adequa a novas temporalidades e espacialidades, denominada de cibercultura. A ciência geográfica e o seu papel crucial na sociedade, tem um potencial para problematizar esses novos espaços que emergem no atual contexto social. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo Analisar os saberes geográficos mediados no *Instagram*, considerando a dinâmica de interação entre os usuários e perfis temáticos, contextualizando esta plataforma digital como um território do ciberespaço a ser “explorado” pelo professor de geografia. Desse modo, busca-se através desta pesquisa, averiguar os saberes geográficos mediados em perfis temáticos de geografia (como os sujeitos interagem, quais as tipologias linguísticas predominantes, como estão sendo postos os saberes geográficos). Para realizar essa investigação utilizou-se métodos pós críticos em educação como: ferramentas da Netnografia, a qual é pautada na observação participante e interativa de sujeitos no ciberespaço; e a cartografia como método de pesquisa em educação para traçar caminhos até o objeto de estudo. Para efetuar as análises se fez necessário o uso de aparelhos de conexão contínua (*smartphone e notebook*) como instrumentos para criação de um perfil na plataforma digital *Instagram*, com a finalidade de selecionar e problematizar publicações em perfis que demonstraram um potencial pedagógico para geografia escolar. Será abordado ainda, as principais funções do Instagram e suas possibilidades de utilização metodológica para contribuir com o trabalho docente. Os resultados obtidos demonstram a geografia presente na espacialidade virtual, evidenciando a relevância das plataformas digitais no âmbito da educação, ao mesmo tempo que nos alerta sobre o papel do professor como mediador na construção dos saberes, haja visto a liberdade de expressão e de identidades presentes na cibercultura.

Palavras-chave: Cibercultura e educação geográfica; Ensino de Geografia; Saberes geográficos no ciberespaço; Plataformas digitais; Instagram.

ABSTRACT

Over the last few decades, significant advances have been made in terms of technology, information and human immediacy through connection networks. Cyberspace has been the stage of human subjectivation, which corroborates with a society marked by ubiquity. It is a culture that adapts to new temporalities and spatialities, called cyberculture. Geographical science and its crucial role in society has the potential to problematize these new spaces that emerge in the current social context. In this perspective, the present work aims to analyze the geographic knowledge mediated on Instagram, considering the dynamics of interaction between users and thematic profiles, contextualizing this digital platform as a cyberspace territory to be “explored” by the geography teacher. Thus, through this research, it is sought to ascertain the geographic knowledge mediated in thematic profiles of geography (how the subjects interact, what are the predominant linguistic typologies, how the geographic knowledge is being placed). To carry out this investigation, post-critical methods in education were used, such as: Netnography tools, which are based on participant and interactive observation of subjects in cyberspace; and cartography as a research method in education to trace paths to the object of study. To carry out the analysis, it was necessary to use continuous connection devices (smartphone and notebook) as instruments for creating a profile on the digital platform Instagram, in order to select and problematize publications in profiles that demonstrated a pedagogical potential for school geography. It will also be addressed the main functions of Instagram and its possibilities of methodological use to contribute to the teaching work. The results obtained demonstrate the geography present in virtual spatiality, highlighting the relevance of digital platforms in the context of education, while alerting us to the role of the teacher as a mediator in the construction of knowledge, given the freedom of expression and identities present in cyberculture.

Keywords: Cyberculture and geographic education; Teaching Geography; Geographic knowledge in cyberspace; Digital platforms; Instagram.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01: Tabela de Resultados das Pesquisas por Enunciados no Instagram	12
Ilustração 02: Os conceitos na Perspectiva de Pierre Lévy	16
Ilustração 03: Colagem de capturas de telas do Instagram. O uso da hashtag #geografia	21
Ilustração 04: Nuvem de palavras/hashtags mais encontradas em publicações nos perfis do Instagram	23
Ilustração 05: Diagrama de Representação dos Processos de Territorialização no Ciberespaço	26
Ilustração 06: Quadro de Representações Corporais Através da Linguagem Usada na Plataforma Instagram.....	29
Ilustração 07: Gráfico de Porcentagem das Tipologias Linguísticas Mapeadas nos Perfis do Instagram.	32
Ilustração 08: Gráfico de Percentual das Fontes Confiáveis no Perfis do Instagram.	36
Ilustração 09: Tabela dos Saberes Geográficos Mediados nos Perfis Analisados.....	37
Ilustração 10: Captura de Tela de Imagem Publicada em um Perfil do Instagram	39
Ilustração 11: Diagrama das Principais Funções no Instagram com aplicações para o Ensino de Geografia.	44
Ilustração 12: Identificação do Ícone para Adicionar Elementos de Interação nos Stories do Instagram.	46
Ilustração 13: Enquetes nos Stories do Instagram.	47
Ilustração 14: Testes nos Stories do Instagram.....	48
Ilustração 15: Caixa de Perguntas nos Stories do Instagram	49
Ilustração 16: Feed de um Perfil Temático sobre Geografia.	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 DEFININDO OS TEMAS DO DEBATE. DESCONSTRUINDO CONCEITOS E CONSTRUINDO CAMINHOS.	10
1.1 OS CAMINHOS PARA O DEBATE.....	10
1.2 ENTENDENDO OS CONCEITOS DE CIBERCULTURA, CIBERESPAÇO E VIRTUAL.....	13
1.3 A PLATAFORMA DIGITAL INSTAGRAM. UM TERRITÓRIO A SER INVESTIGADO.....	17
1.3.1 UMA ANÁLISE DA POLÍTICA DE USO E DIRETRIZES DO INSTAGRAM.....	19
1.3.2 AS HASHTAGS E O ALCANCE DAS CAMADAS	20
1.4 TERRITORIALIZAÇÃO, DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO NO <i>INSTAGRAM</i>	23
2 COMUNICAÇÕES ENTRE SUJEITOS NA ESPACIALIDADE VIRTUAL, UMA LINGUAGEM CARACTERÍSTICA DA CIBERCULTURA	28
2.1 O USO DAS TIPOLOGIAS LINGUÍSTICAS ASSOCIADAS AOS SABERES GEOGRÁFICOS NO CIBERESPAÇO	30
2.1.1 AS TIPOLOGIAS LINGUÍSTICAS PREDOMINANTES NOS PERFIS ANALISADOS.....	31
2.2 AS FONTES POR TRÁS DO COMPARTILHAMENTO DE IDEIA E SABERES GEOGRÁFICOS MEDIADOS NO <i>INSTAGRAM</i>	34
2.3 OS SABERES GEOGRÁFICOS PREDOMINANTES DIANTE DAS PUBLICAÇÕES NOS PERFIS DO INSTAGRAM.....	37
3 NÃO É APENAS UMA REDE SOCIAL, É UMA FERRAMENTA QUE POSSIBILITA UMA INTERFACE DE CONHECIMENTOS.	40
3.1 POSSIBILIDADES DE USO QUE A FERRAMENTA INSTAGRAM OFERECE PARA MEDIAÇÃO DE SABERES GEOGRÁFICOS	42
3.2 UTILIZANDO AS FUNÇÕES DO <i>INSTAGRAM</i> NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	45
3.2.1 A FUNÇÃO <i>STORIES</i>	45
3.2.2 A FUNÇÃO <i>FEED</i>	49
3.2.3 A FUNÇÃO <i>DIRECT</i>	52
3.2.4 AS FUNÇÕES <i>IGTV</i> E <i>REELS</i>	52
3.2.5 A FUNÇÃO <i>HASHTAG</i>	53
3.3 INTELIGÊNCIA COLETIVA E/OU PROTEÇÃO AOS DADOS: UM CONTRAPONTO	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	62

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais é notável o quanto a humanidade tem se submetido às práticas sociais virtualizadas, mediadas no ciberespaço. Trata-se de uma cultura cada vez mais complexa e que, conseqüentemente, perpassa por constantes modificações, de modo que, a dinâmica dessa “nova cultura” tem impactado cada vez mais o modo de viver, pensar e agir dos sujeitos na relação com o espaço geográfico. Isso ocorre devido ao poder de complexidade que os avanços tecnológicos têm proporcionado. O ciberespaço é habitado por sujeitos que levam consigo saberes e práticas do espaço material. Nesse sentido, quando adentram nessa nova espacialidade, há uma aglutinação de culturas diversificadas. Essa diversidade de culturas que emergem desse “outro” espaço, é o que configura a cibercultura.

Diante de tal realidade, é possível compreender as trocas que ocorrem no ciberespaço, como uma consequência do processo de globalização, mediado principalmente pelas práticas comunicativas, as quais a cibercultura vem sendo impulsionada em decorrência do sistema capitalista, em sua versão neoliberal. Desse modo, os sujeitos estão cada vez mais engajados nessa teia de conexões e espaços virtualizados, através dessa bricolagem de culturas materiais, virtualizadas, por exemplo, nas redes sociais. Podemos observar tais engajamentos por meio do uso de dispositivos móveis de conexão contínua, tais como: celulares, *tablets*, computadores, relógios de pulso etc., os quais permitem acesso as plataformas digitais de interação tais quais: *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, *Youtube* entre outras.

Diante do exposto, destaca-se nesta pesquisa, uma percepção do papel de dispositivos móveis de conexão contínua (celulares, notebooks, *tablets*, relógios de pulso etc.), na popularização de uma cultura digital, a qual materializa um campo de interação e aprendizagens geográficas. Desse modo, através de metodologias de pesquisa pós críticas em educação, investigou-se perfis temáticos na plataforma digital *Instagram*, que serão objetos de investigações analíticas sobre a utilização pedagógica de saberes geográficos, entre os anos de 2016 a 2021. Pretende-se ainda, contextualizar a plataforma *Instagram* como uma ferramenta de suporte metodológico para o professor de Geografia, sendo um espaço mediador para construção de conhecimentos geográficos, considerando suas limitações e possibilidades.

Sabemos que, a popularização da cultura digital vem se fazendo presente em todas as áreas e setores mundiais. Aqui, o enfoque será no âmbito da educação, visto que, o uso de ferramentas tecnológicas tem se tornando cada vez mais frequentes entre os sujeitos. Tal popularização nos permite constatar o quão a cibercultura tem se difundido nos espaços

materiais, de modo que, os fatos e eventos ocorrem da mesma forma, mas em outros espaços, outros tempos e outras velocidades (LÉVY, 2010).

Nesse sentido, Silva et al (2021) complementa explicando que, as tecnologias digitais (com enfoque nas redes sociais, aqui denominadas de plataformas digitais), trazem consigo, uma possibilidade na ampliação dos espaços de aprendizagem, permitindo as trocas de conhecimentos, mesmo que de forma *online*, de modo que independente da distância dos que interagem, essa comunicação acontece, seja no formato síncrono ou assíncrono. Além das plataformas digitais a autora também aponta os jogos digitais, os *e-books* e a tecnologia móvel de modo geral, como contribuintes na ampliação das espacialidades de aprendizado.

Partindo desses pressupostos, é indubitável a importância de debates acerca dos espaços virtuais como locais que possibilitam a mediação de saberes, visto que, atualmente o fluxo de indivíduos que se sujeitam a estes espaços aumenta de forma desenfreada. Segundo Navarro (2020 apud Pessoa, 2021, p.3) “o Brasil está em terceiro lugar no ranking de países usuários do *Instagram*, com mais de 91 milhões de usuários ativos, perdendo apenas para Estados Unidos (130 milhões) e Índia (100 milhões)”. Contudo, é relevante pensar a geografia em função das possibilidades de descrições e problematizações do ciberespaço que ela comporta, uma vez que esta pesquisa se debruçará sobre a descrição da espacialidade do *Instagram* enquanto ferramenta pedagógica. Vale ressaltar, que essa temática ainda é pouco discutida por geógrafos, e diante do cenário atual é de extrema importância esse engajamento da geografia com a cibercultura.

Esse trabalho de conclusão de curso está estruturado em três capítulos, desse modo, o capítulo um, traz uma abordagem teórico metodológica com base em autores como LÉVY, (1996); LEMOS (2015); CASTELLS, (2015); OLIVEIRA, (2012); SALES, (2012), dentre outros. O capítulo dois, intitulado Comunicações Entre Sujeitos Na Espacialidade Virtual, uma Linguagem Característica da cibercultura, analisa, as tipologias linguísticas e o modo como acontecem as trocas de saberes no *Instagram*, trata-se das análises de dados cartografados de forma minuciosa na plataforma. Já o capítulo três aborda a plataforma *Instagram* como possibilidade de ampliação dos espaços de aprendizagens geográficas, demonstrando de que forma o professor de geografia poder usar tal plataforma como um suporte com fins pedagógicos.

1 DEFININDO OS TEMAS DO DEBATE. DESCONSTRUINDO CONCEITOS E CONSTRUINDO CAMINHOS.

1.1 OS CAMINHOS PARA O DEBATE

São muitos os debates sobre a construção de saberes geográficos mediados na sala de aula (aquela da Escola, cuja o aluno e professor se fazem presente fisicamente no mesmo ambiente). Por outro lado, poucas são as reflexões de como se dá essa construção em espaços virtuais, os quais tem emergido potencialmente no cotidiano da grande maioria dos indivíduos. Diante disso, a pesquisa se apropria de metodologias que possam cooperar com a problematização dos saberes geográficos no ciberespaço.

É tomado como base, as metodologias pós-críticas em educação, as quais fogem do tradicionalismo metodológico e priorizam abordagens que interligam diferentes estratégias de investigação da realidade, desconstruindo a ideia de fundamentação, determinação e positivismo metodológico que caracterizam a ciência moderna. Nesse sentido, esta pesquisa se debruça na investigação minuciosa das práticas exercidas por sujeitos no ciberespaço em ambientes virtuais que veiculam o compartilhamento de saberes geográficos. Temos como intuito, flexibilizar ferramentas tradicionais (entrevistas, grupos focais entre outros) da pesquisa qualitativa por meio de novas estratégias metodológicas (MEYER, 2012).

Tais estratégias (ibidem) não tem por objetivos impor metodologias novas e criticar as tradicionais, mas sim resignificá-las, sendo então, uma forma de desconstruir discursos que perante a sociedade, funcionam como verdades absolutas. Diante disso, selecionou-se para agenda desta pesquisa dois “caminhos metodológicos”. O primeiro é a cartografia como método de pesquisa em educação, que Oliveira (2012), com base na filosofia autores como Deleuze e Guattari, enfatiza como uma metodologia que faz recortes em determinados tempos e espaços, de muitos modos, sujeitos e objetos, que passam a ganhar novos significados (OLIVEIRA, 2012).

A mesma autora ressalta que utilizar a cartografia como metodologia implica em construir um mapa sempre inacabado, o que se torna muito relevante para desenvolver essa pesquisa, uma vez que, os saberes aqui analisados na espacialidade virtual serão sempre abertos e com possibilidades de novas linhas de modificações. A autora ainda incrementa esse debate ao comentar que

Fazer uma cartografia é expor linhas e as possibilidades por elas inauguradas, compondo um mapa de diferentes partes que serve para indicar se indistinção. Ali, onde as coisas e sujeitos do mundo da educação perdem a forma e só existem como complexos de forças. (OLIVEIRA, 2012, p. 187).

Contudo, neste trabalho é utilizada essa metodologia para averiguar as possibilidades de envolver linhas (que nesse caso será o *Instagram*) no currículo da Geografia escolar, cartografando no ciberespaço através das metáforas utilizadas por Oliveira (2012), que denomina esse método de pesquisa como uma “coreografia do desassossego”, enfatizando “[...] que a educação, a escola, a pedagogia, os currículos, e os sujeitos educacionais podem ser alvos de um permanente processo de reinvenção de si e do mundo” (OLIVEIRA, 2012, p.300). Contudo, se fez necessário utilizar das três metáforas seguintes, as quais a autora denomina como essenciais para o/a pesquisador/a cartógrafo/a:

[...] *olhares-ciganos* sobre objetos de estudos, constituindo-os e dando-lhes forma. É o olho que desenha sobre a folha de papel seus dados, abre espaços aos traçados e linhas dos devires. É cigano porque está atento àquilo que escapa aos códigos dominantes da educação e da pedagogia. *Agencia noite de núpcias* com o material que toma para analisar, arranquei dele sua potência, planta multiplicidades onde a estrutura padecia estriada demais, promovendo encontros insuspeitos e inesperados para o território educacional e curricular. Traça uma *pintura de quadro*, quadro que não é o mesmo que planejamento ou organização, que não vem antes da pesquisa, nem transcende a ela ou lhe dá profundidade (OLIVEIRA, 2012, p.300).

Perante o exposto, utiliza-se na pesquisa, dos *olhares-ciganos* para observar o objeto de análise do trabalho (os saberes geográficos no *Instagram*), de modo a considerar as especificidades diante do ambiente em que os saberes estão inseridos. É aqui que, de forma minuciosa averígua-se as tipologias linguísticas presentes nos perfis, as interações e possíveis trocas entre os sujeitos e o modo como se articulam e se comunicam. A *agencia noites de núpcias* é entendida como as leituras e embasamentos que trazem debates sobre educação geográfica, ciberespaço e cibercultura, os quais trazem conexões e dispersões do objeto de estudo, que nesta pesquisa foram cartografadas e escolhidas por meio de sites, livros, teses e artigos científicos. A terceira metáfora da autora é denominada *pintura de quadro*, que ela utiliza como forma de não apenas descrever o que já existe na educação, mas sim trazer novas possibilidades para esta área, o que nesta pesquisa é associado a contextualizar a plataforma *Instagram* como ferramenta a ser utilizada para fins pedagógicos em sala de aula.

Para tecer as ideias do debate neste trabalho, foram consultados alguns autores que trouxeram pressupostos relevantes sobre cibercultura e educação geográfica. No entanto, autores como (LÉVY, 1996; 2010); (LEMONS, 2015); (MIRANDA, 2021); (MOROZV 2018); (TONETTO, 2017); (SANTAELLA, 2010); (CASTELLS, 2015), assim como as demais que

serão encontrados durante todo o trabalho escrito, foram relevantes para a pesquisa, contemplando com pertinência a temática através de suas obras. Boa parte dos artigos foram de sites como: o portal de periódicos da CAPES¹, Scielo², e Google acadêmico³, buscando sempre por enunciados como: cibercultura; ciberespaço; educação geográfica; ensino de geografia; e cibercultura e geografia.

Posterior a seleção de referenciais para construir e embasar as ideias da pesquisa, e ainda pensando na construção de caminhos, partiu-se de uma outra metodologia pós-crítica, a netnografia. De acordo com Sales (2012), trata-se de uma metodologia que se debruça sobre a observação dos sujeitos, bem como seus processos de construção de percepções e comportamentos nas relações sociais que ocorrem em rede. Em outras palavras, essa metodologia utiliza do mesmo propósito da etnografia, só que em ambientes virtuais, portanto, observa, analisa e descreve os modos de vida de sujeitos engajados em uma teia de conexões e fluxos que são produzidos no ciberespaço. (HINE, 2004 apud SALES, 2012, p. 116).

Partindo dessa metodologia e por meio da criação de um perfil na plataforma *Instagram* (@geo_ciber), realizou-se um levantamento inicial de perfis, através de enunciados como: Geografia; Ensino de Geografia; Cibercultura e Educação; e Geografia e Educação. A fim de observar as interações em uma escala maior, as observações foram feitas em perfis temáticos com publicações relacionadas aos saberes geográficos que fazem parte do currículo da educação básica. Em seguida, houve a filtragem dos perfis para uma escolha final, priorizando ainda, aqueles que demonstraram um maior grau de formalidade e potencialidade de contribuição para as análises. Na tabela abaixo temos os resultados em relação a cada enunciado pesquisado.

Ilustração 01: Tabela de Resultados das Pesquisas por Enunciados no *Instagram*

Enunciado	Quantidade de perfis selecionados
Geografia	76 perfis
Ensino de Geografia	10 perfis
Cibercultura e Educação	2 perfis

¹ Endereço eletrônico: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?> O Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pode ser considerado como uma biblioteca online, que disponibiliza os mais diversos textos de produções científicas a nível internacional.

² Endereço eletrônico: <https://scielo.org/pt/> O Scientific Electronic Library Online, ou simplesmente scielo, é um portal que reúne periódicos científicos brasileiros, este, dispõe de textos completos em revistas digitais.

³ Endereço eletrônico: Trata-se de uma plataforma que permite a publicação e o acesso de textos científicos, é mais um mecanismo virtual de cunho científico com acesso livre e gratuito.

Fonte: autora, 2022. Dados coletados em: <http://instagram.com.br>

Diante das buscas, é possível identificar que o ensino de geografia em contraste com a cibercultura e educação ainda é pouco evidente no *Instagram*. Por outro lado, a geografia de modo geral, se demonstrou mais predominante em relação aos demais enunciados utilizados na pesquisa. Veremos no capítulo 2 uma análise mais aprofundada sobre a geografia presente nestes perfis, nos debruçaremos agora em entender os conceitos para só depois assimilar as análises.

1.2 ENTENDENDO OS CONCEITOS DE CIBERCULTURA, CIBERESPAÇO E VIRTUAL.

Atualmente, as práticas sociais desenvolvidas em espaços virtualizados tem ocorrido de maneira intensa, movidas por uma cultura marcada pela onipresença, na qual os sujeitos conseguem estar em vários ambientes digitais ao mesmo tempo. Tal possibilidade não se desenvolve na cultura material, uma vez que, não se pode ocupar dois ou mais espaços simultaneamente.

Diante do exposto, vale ressaltar que essa pesquisa se desenvolve em um ambiente paralelo ao espaço geográfico, o qual é entendido como um objeto composto por sistemas e ações, trata-se de um produto da organização social, onde ocorrem constantes processos de construção e transformação (SANTOS, 2006). Assim como neste espaço material, as construções também ocorrem nos espaços virtuais, a diferença é que acontecem em tempos diferentes e com outras velocidades (LÉVY, 2010), o território apresenta-se com características peculiares, que para adentrar é preciso passar por uma desconstrução ou reconstrução das categorias de análises geográficas.

Entendemos o território como uma “[...]noção de soberania, poder e controle, além de conter uma dimensão simbólica, um sentido de enraizamento, uma evidência de construção compartilhada e um papel na construção das identidades sociais (BRASIL, 2006, p.13). Um outro conceito é visto em Haebaert (2004), ao enfatizar o território como instrumento político-econômico e simbólico-cultural do espaço apropriado pela humanidade. No tocante aos conceitos de paisagem e lugar, entende-se que, a paisagem é uma manifestação do espaço

geográfico e uma medida multidimensional de compreensão de um lugar (MAXIMIANO, 2004). Ao lugar, pode ser atribuído vários significados, pois depende da ótica de quem o define, aqui será enfatizado como uma porção dentro do território, em que há as interações sociais investigadas no contexto da pesquisa, ou seja, as trocas de saberes geográficos.

Diante disso, traremos esses conceitos para adentrar em um território do ciberespaço, o *Instagram*. Foi considerado como território, pois nele há relações de poder, conflitos, disputas, contradições, avanços, recuos e costuras jurídico legais. Então, partiremos das observações feitas em lugares específicos, que são os perfis selecionados, nos quais é possível ainda verificar as paisagens que constituem os constituem. Pretende-se pensar as práticas sociais em espaços virtuais sem que haja uma contradição ao espaço material, haja visto que a pretensão é descrever as “superfícies de contatos” no ciberespaço, utilizando ferramentas presentes na geografia (como as categorias supracitadas), as quais nos auxiliam na leitura do espaço geográfico, contudo, utilizamos destas para potencializar as análises no ciberespaço.

O ciberespaço funciona como uma entidade real, parte vital da cibercultura planetária que cresce constantemente diante de nós. Ele não é desconectado da realidade dos indivíduos sociais, mas um complexificador da realidade destes. Podemos entender o ciberespaço como um ambiente que se difunde com o espaço geográfico. Trata-se de um espaço com inúmeros caminhos baseados na realidade, porém mais heterogêneo, nele existe uma teia de conexões formadas por inúmeras culturas materiais, as quais se fundem e dão origem a cibercultura, assim como é visto em (LEMOS, 2015).

Segundo Lévy (2010) o ciberespaço (também chamado pelo autor de “rede”), surge como um novo meio de comunicação, caracterizado pela intercomunicação mundial através do uso de computadores. Diante disso, podemos destacar os avanços das tecnologias mundiais como fator contribuinte para que haja a participação de indivíduos imersos nessa rede de comunicação, tendo em vista o quão abrangente são as conexões na atual sociedade.

O que impulsiona o crescimento do ciberespaço é a presença de princípios como: a interconexão; a criação de comunidades virtuais; e a inteligência coletiva (FREIRE.G e FREIRE.M, 2012). Indubitavelmente, as tecnologias digitais de informação estão entrelaçadas com o cotidiano dos indivíduos, dessa forma, tal realidade nos permite desenvolver uma série de tarefas (sejam estas de trabalho ou estudos), sem que haja a necessidade de estarmos presente em determinados locais do mundo material, então, passamos a integrar parte do ciberespaço, lugar onde outros sujeitos poderão desenvolver a mesma atividade simultaneamente, construindo assim uma inteligência coletiva.

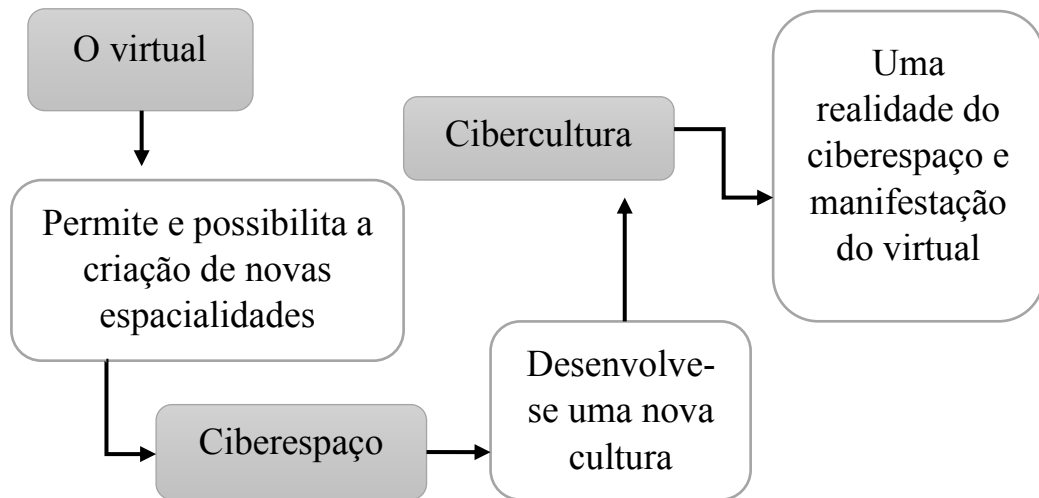
As várias culturas que integram os espaços virtuais se fundem dando origem a uma cultura própria destes espaços, denominada de Cibercultura, trata-se de “[...] uma sinergia entre a vida social e os dispositivos eletrônicos e suas redes telemáticas” (LEMOS, 2015, p.10), sendo está uma ação simultânea da vida em sociedade, através de dispositivos eletrônicos, tais como: celulares, tablets, computadores, relógios de pulso entre outros, que acrescentam aos sujeitos, novas maneiras de pensar, agir e de comporta-se.

Para Lévy (2010), a cibercultura pode ser entendida como um conjunto, no qual envolve técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamentos e valores, os quais se desenvolvem junto ao avanço do ciberespaço. Na medida em que o ciberespaço se torna mais amplo, maior será a complexidade das relações dos indivíduos imersos neste espaço. Esse conjunto o qual Lévy se refere, oferece inúmeras ferramentas que fazem parte do cotidiano de uma camada da população mundial, desde as redes sociais, onde os sujeitos se relacionam por meio da troca de mensagens e compartilhamento de textos, hipertextos e mídias em geral, até aplicativos de bancos, os quais permitem aos usuários os serviços *online* no conforto de suas casas. Além de outros tantos serviços que estão à disposição dessa camada populacional.

Diante do exposto, se faz necessário entender também o que é o virtual. Por meio de um aprofundamento teórico é possível até mesmo desmistificar alguns estereótipos sobre os espaços virtuais. Nesse sentido, para a compreensão sobre o conceito de virtual partirei dos pressupostos de Pierre Lévy, que em sua obra “O que é o virtual” traz reflexões relevantes ao enfatizar que “[...] o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual” (LÉVY, 1996, p5).

O autor ressalta que, o virtual não se trata de uma ameaça a humanidade, quebrando assim, alguns paradigmas sociais sobre as tecnologias digitais. O que acontece na virtualização segundo Lévy, é uma transformação da atualidade inicial. O autor faz questão de humanizar a virtualidade, apontando três processos os quais fizeram emergir a espécie humana, são estes: a linguagem; a técnica; e as instituições sociais complexas. Na figura abaixo, será enfatizado de forma sucinta o pensamento de Lévy.

Ilustração 02: Os conceitos na Perspectiva de Pierre Lévy



Fonte: DUARTE, M. R. M, 2022. Baseado em pensamentos do filósofo Pierre Levy⁴.

Ainda de acordo com Lévy, o ciberespaço e consequentemente a cibercultura propõe uma liberdade de navegação e informações, o que o autor denomina de inteligência coletiva, que é construída a partir da coletividade dos sujeitos da cibercultura, de modo que os sujeitos agem e interagem numa espécie de democracia. No entanto, existem autores que criticam os pressupostos de Lévy, Miranda (2021) com base em outros autores como Lyon e Bauman, aponta que “o processo formativo da atividade de educar vai muito além da simples tarefa de garantir o fluxo de informação, através das tecnologias digitais” (MIRANDA, 2021, p. 61).

A autora faz questão de enfatizar que é preciso educar a sociedade numa perspectiva crítica, de modo que os sujeitos não se deixem manipular por um conglomerado de informações em rede. Nesse sentido, Miranda ressalta que precisamos alimentar uma postura vigilante, de modo que sejamos capazes de superar a “paranoia pós-moderna”, repensando nossas práticas educativas em conjunto com nossa cidadania em tempos de cibercultura (MIRANDA, 2021). O contraponto que a autora discipula de Lyon (1994) a Lévy, é justamente em relação a forma como o autor humaniza a virtualidade, de modo a nos aproximar ainda mais das práticas exercidas na cibercultura, que para ele é como um campo fértil para a produção do conhecimento.

Segundo Miranda (2021), há na cibercultura uma realidade onipresente, a qual, coloca em jogo a questão da privacidade. Desse modo, é enfatizado pela autora que os sujeitos

⁴ Com base na obra: LÉVY, Pierre (1996). **O Que é Virtual?** Rio: Editora 34.

precisam ser mais informados quanto ao advento da cibercultura, principalmente no tocante a educação. De acordo com a autora, boa parte dos sujeitos que adentram o ciberespaço são ingênuos, pois sequer tem a noção do lucro que gera só em estar navegando em determinada rede, muito menos sobre os riscos a sua privacidade. “O direito à privacidade é um direito que deve ser claramente estabelecido, amplamente defendido e juridicamente reconhecido pelos governos atuais e pelos estados democráticos” (MIRANDA, 2021, p.62). No entanto, por mais que haja leis que ampare os usuários quanto a privacidade, poucos tem acesso a tal informação, daí o importante papel da educação em espaços virtuais com informações que viabilizam a liberdade democrática na cibercultura.

Contudo, é relevante pensarmos os espaços virtuais como um conjunto de possibilidades, mas que não deve ser tomado apenas como algo promissor. É necessário que sejamos críticos em relação a como são apresentados e quais mecanismos de ação certas informações presentes nesses espaços irão exercer sobre nossos corpos e mentes, além de pensarmos em uma democracia cujo principal objetivo seja a liberdade de expressão, mas de forma segura e pautada em fatos reais. Na educação é ainda mais imprescindível que haja esse cuidado, pois é por meio dela que se forma cidadãos, principalmente no tocante a educação em geografia. E por último, mas não menos importante, devemos ser cautelosos sobre a proteção dos nossos próprios dados pessoais, que se tornam “públicos” a partir do momento que são inseridos na rede composta pela cibercultura.

Diante do exposto, é importante a reflexão acerca do advento da internet e todos os artefatos que há nela, segundo Morozov (2018, p. 22) “enquanto não conseguirmos pensar fora da “internet”, jamais conseguiremos fazer um balanço justo e preciso das tecnologias digitais à disposição”. Entretanto, é imprescindível dedicar um tempo para as interpretações sobre o ciberespaço, antes de nos submeter a cibercultura.

1.3 A PLATAFORMA DIGITAL INSTAGRAM. UM TERRITÓRIO A SER INVESTIGADO

O *Instagram* foi lançado no ano de 2010, seus criadores foram o norte-americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, a ascensão desse software foi impressionante, sendo que no mesmo dia de lançamento “o aplicativo tornou-se o mais baixado na Apple Store”. (ROCK CONTENT, 2018, online, apud Lichtenheld1; Duarte; Bortolon, 2018, p. 2). As quantidades de

sujeitos que adentram a espacialidade do *Instagram*, só cresceram na última década, as pesquisas em inúmeros sites, jornais e revistas demonstram esse fato.

O uso de plataformas digitais de comunicação tem crescido muito nos ambientes virtuais, permitindo interações sociais por meio de trocas e compartilhamento de informações, a exemplo do *Instagram*, o qual, segundo Pessoa et al (2021), “se consolidou como uma das redes sociais mais presentes no dia-a-dia da sociedade atual” (ibidem p. 3). De acordo com os mesmos autores, no Brasil já são mais de 91 milhões de usuários ativos na plataforma. Desse modo, entende-se que as relações humanas veiculadas na cibercultura, tem sido pauta de estudos e debates, visto que, as relações nestas espacialidades precisam ser problematizadas, já que a virtualização é uma demanda emergente da sociedade contemporânea.

Atualmente o *Instagram* é uma plataforma que dispõe de vastas opções para socialização no ciberespaço. Sua crescente utilização emerge nesse espaço virtual com um aspecto difusor das novas configurações de encontros colaborativos na rede, “[...]por se apresentar como uma rede social online que tem como foco a comunicação e autoria visual” (ALVES; MOTA; TAVARES, 2018.p.2). Segundo Al-Bahrani e Patel (2015), a rede social *Instagram* é amplamente utilizada por jovens, e se destaca por sua facilidade de utilização.

É notável, através das observações, a presença de perfis no *Instagram* com intuitos de trazer informações sobre várias áreas da educação, seja com informações voltadas para sujeitos do ensino fundamental ou ensino médio, inclusive com publicações sobre conteúdos relacionados ao exame nacional do ensino médio (ENEM). Porém, voltando ao debate de Miranda (2021), que nos instiga a reflexão sobre o anonimato nas redes, então, precisamos pensar em quem está por traz dos perfís, será que são professores de Geografia? Será que buscam fontes confiáveis antes de jogar as informações na plataforma? São questionamentos que instigam a pesquisa nos lugares que compõem esse território.

1.3.1 UMA ANÁLISE DA POLÍTICA DE USO E DIRETRIZES DO INSTAGRAM

Conforme os termos desta plataforma a qual pertence ao grupo Facebook, o Instagram constitui-se por um conjunto de APIs⁵, SDKs⁶, ferramentas, plugins, códigos, tecnologias, conteúdos e serviços, os quais permitem que outras pessoas, (inclusive desenvolvedores de aplicativos e operadores de sites), desenvolvam funcionalidades, recuperem dados do Facebook e de quaisquer outros Produtos do Facebook ou forneçam dados aos sujeitos conectados.

Os números de caracteres por publicação, no *Instagram*, são de 2.200, trata-se de uma rede social mais focada no uso das representações visuais fotografias, imagens, também sendo permitidos vídeos curtos denominados de Reels, que permitem postagens de até 30 segundos. Há ainda a possibilidade de vídeos maiores, denominados de IGTV, sua duração varia de um minuto a quinze minutos (para contas gerais) e até 60 minutos (para as contas com selo de verificação⁷) também existe a opção de gravação de vídeos ao vivo, sendo possível deixar salvo no *Feed*, que é uma das funções encontrada na plataforma *Instagram*. Através do aplicativo você pode seguir usuários e vice-versa, é possível curtir imagens, adicionar comentários e encaminhar imagens diretas às pessoas por meio do e direct, local onde há as trocas de mensagens instantâneas. Demore-se mais nessa descrição.

Vale salientar que, as funções disponíveis para os usuários atualmente, estão sendo implementadas ao longo dos anos desde a sua criação, trata-se de um processo contínuo. Algumas destas funções passaram apenas por modificações e adaptações. Essas mudanças não ocorrem apenas nesta ferramenta digital, mas em todas aquelas que ocupam um lugar no ciberespaço, haja visto que em espaços virtualizados a atualização é uma característica iminente (LÉVY, 1996).

Atualmente o advento das redes sociais tem se mostrado um complexificador de ideais, sejam eles pessoais, profissionais e até mesmo ideológicos. Estas redes podem ser consideradas como “vitrines no espaço virtual onde os indivíduos podem expor suas vidas, seu cotidiano, produzindo e reproduzindo ao mundo suas ideias, trabalhos e opiniões” (SILVA, 2013, p.24).

⁵ A sigla **API** é uma abreviação para Application Programming, ou, em português, interface de programação de aplicação. Disponível em: <https://www.take.net/blog/tecnologia/api-conceito-e-exemplos/>

⁶ **SDK** significa Software Development Kit e pode ser entendido como um conjunto de ferramentas que possibilita aos programadores a criação de novas aplicações, assim como a adição de funcionalidades a produtos digitais já existentes. Disponível em: <https://blog.idwall.co/o-que-e-sdk-e-vantagens-para-mobile/>

⁷o *Instagram* faz uma verificação de identidade, mostrando que quem está falando através daquele perfil é a presença autêntica de uma figura pública, criador de conteúdo, marca ou instituição notável. Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/como-solicitar-selo-verificado-no-instagram/>

Contudo, evidencia-se inúmeras problemáticas que emergem e complexificam essa “ramificação” da espacialidade virtual, tais quais: o egocentrismo; os conflitos entre determinados grupos de *ciber* usuários; a propagação de informações falsas e/ou equivocadas, dentre outras.

Nesse sentido, a política de uso da plataforma se apresenta como um elemento importante para “delimitar” as atitudes dos usuários, sendo está rigorosa em alguns aspectos, porém, deixando muitas lacunas em relação as problemáticas citadas no parágrafo anterior, bem como inúmeras outras. Alguns usuários tendem a ser banidos/bloqueados pelo Instagram quando descumprem as leis estabelecidas pela plataforma, a exemplo do uso de palavras ou expressões de cunho desrespeitoso, ou atividades consideradas duvidosas, como a repetição sequencial do uso de uma mesma função em um curto intervalo de tempo.

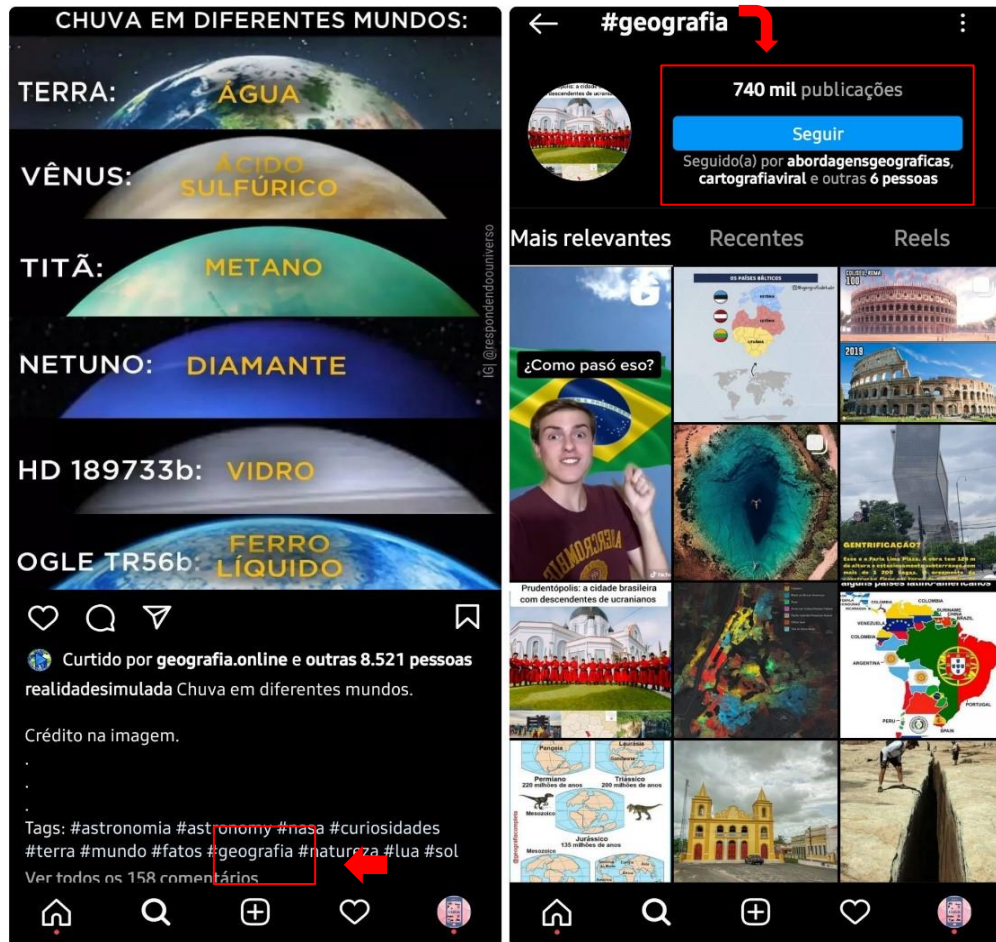
Dentre as várias funções da plataforma (as quais serão descritas no capítulo 3), as que fizeram parte das análises foram as publicações no *Feed* e as interações sociais por meio de curtidas e comentários nestas. O *Feed* é onde contém todas as publicações do usuário/perfil, desse modo cada postagem permite a divulgação e organização na *Timeline*, isto é, a linha do tempo do *Instagram*. Nesse espaço, é interessante que o gerenciamento das publicações obedeça a uma padronização que atraia os sujeitos, podendo ser utilizados diversos recursos para esta organização, sejam eles oferecidos pelo próprio *Instagram* ou associados a outros aplicativos. Um exemplo são os aplicativos editores de textos e imagens, que permitem criar o *layout* das postagens – tais como o Canva, o *Power Point* - e o *InShot*. Se tratando de recursos para atrair um número maior de sujeitos para as publicações averiguou-se ainda o uso das *hashtags*, as quais funcionam como estratégias de comunicação no ciberespaço e estão muito presentes nas publicações do *Instagram*, representadas pelo símbolo (#).

1.3.2 AS HASHTAGS E O ALCANCE DAS CAMADAS

Segundo Tonetto (2017, p.103) as *hashtags* podem ser caracterizadas como um filtro “que possui o potencial de rastreamento das postagens públicas e quantificam as interações relacionadas a um determinado assunto em redes sociais, utilizada como um dos recursos para fazer análise dos padrões de interações e frequência de assuntos discutidos nas mídias sociais”. esse símbolo (#) da *hashtag* quando utilizado em publicações gera um *hiperlink*, sendo este responsável por juntar um número maior de pessoas interessadas pelo mesmo assunto, ou seja,

“alcançando as camadas”. Vejamos na figura abaixo uma colagem que exemplifica esse alcance.

Ilustração 03: Colagem de capturas de telas do *Instagram*. O uso da hashtag #geografia



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Observa-se na imagem da esquerda um post de determinado perfil no *Instagram*, onde o administrador deste usou algumas hashtags relacionados a que está sendo publicado, dentre elas a #geografia. Ao usar o símbolo (#) antes das palavras, esse usuário “gerou” vários links,⁸ no qual outros usuários poderão clicar e ser direcionados para uma outra ramificação dentro dessa espacialidade. No entanto, reunidos em um único nicho milhares de sujeitos se interessam pela mesma temática, como demonstra a imagem da direita, na qual reúne um número de 740.000 publicações em que os sujeitos usam essa mesma hashtag.

⁸ Do inglês, a palavra *link* tem por significado principal elo ou ligação. Na informática pode ser entendida como *hiperligação*, isto é, palavras, expressões, textos e até imagens quando clicadas redirecionam o usuário para outras ramificações na espacialidade virtual, podendo ser outras imagens, textos, vídeos e mídias em geral.

O que influencia o uso das hashtags é justamente a propagação que as postagens passam a ter, os sujeitos se engajam num só espaço com base na semelhança de seus interesses ali. Um outro ponto que cabe ressaltar, diz respeito ao uso do que denomino de “fake tags”, trata-se de hashtags que são utilizadas pelos internautas com o propósito apenas de promover suas publicações, mas, os conteúdos postados (sejam eles imagens, vídeos, gráficos etc.), não condizem com o que foi escrito na hashtag. Esse tipo de conteúdo tende a levar os usuários a um nicho que na verdade não era o seu propósito.

Podemos destacar as *hashtags* como um dos vários elementos que funciona como um divisor de territórios no ciberespaço. De tal modo, se um sujeito adentra uma espacialidade totalmente fora do seu contexto, com comportamentos que vão contra o seu modo de ser e/ou existir no espaço virtual, a consequência mais comum seria o conflito, uma vez que este não só ocorre na espacialidade material, mas tem se tornado muito frequente no ciberespaço, principalmente com o advento das redes sociais.

Após um breve debate sobre hashtags, veremos adiante uma nuvem de palavras com as dezesseis *hashtags* mais predominantes nas publicações (*ver ilustração 05*), a escolha foi a partir da frequência com que apareciam nas análises, cada hashtag que apareceu nas tabulações no mínimo dez vezes, foi adicionada na ilustração. A nuvem de palavras nos permite identificar as singularidades presentes nas publicações, ou seja, é mais uma forma de cartografar a geografia presente na cibercultura. Em suma, por meio da nuvem de palavras pode-se ter um panorama das temáticas e/ou elementos da geografia predominante nas publicações em análises.

Ilustração 04: Nuvem de palavras/hashtags mais encontradas em publicações nos perfis do *Instagram*



Fonte: Elaboração: DUARTE, M.R.M, 2022 através do site: <https://www.wordclouds.com/>. Baseado em informações de <https://www.instagram.com>

1.4 TERRITORIALIZAÇÃO, DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRORIZAÇÃO NO *INSTAGRAM*.

O processo de territorialização envolve inúmeros fatores, geralmente os indivíduos tomam posse de um lugar no qual depositam todas as suas vivências e costumes, partilhando na maioria das vezes, o ambiente com outros indivíduos que tenha algo em comum. Nessa partilha, pode ou não haver conflitos, troca de conhecimentos e construções dos mais diversos tipos. Segundo Fuine (2014 p.233), territorialização seria uma “[...] ação, movimento ou processo de construção e criação de territórios pela apropriação, uso, identificação, enraizamento com determinadas extensões do espaço por lógicas políticas, econômicas ou culturais”.

De acordo com Chelotti (2010, p. 167-168) “[...] devemos pensar a territorialização e a desterritorialização como processos concomitantes, ou seja, fundamentais para compreendermos as práticas humanas”. Assim como há o processo de territorialização no espaço geográfico, também existe tal processo no espaço cibernético, porém com suas

especificidades, que neste trabalho são problematizadas para a compreensão das práticas humanas mediadas pela cibercultura.

O primeiro envolve o meio físico, a luta de alguns grupos por terras, o acúmulo de outros (a exemplo dos latifundiários). O segundo também funciona através de formação de grupos que chegam e buscam por algo que lhe convém, porém, os sujeitos são, de certo modo, mais “livres”, apesar de haver políticas que restringem algumas ações de usuários, tais como: regras de uso de plataformas digitais, limite de caracteres permitidos por postagens nestas plataformas, dentre outras muitas que conduzem as subjetivações e até um modo de governo em ambientes virtuais. Em suma, cada grupo se junta e/ou separa, de acordo com seus costumes, mas nem sempre há essa opção, uma vez que muitos não tem um lugar para chamar de seu (a exemplo dos sem-terra). Acontece que, há muitas questões políticas, sociais e econômicas envolvidas na territorialização do espaço geográfico.

O avanço constante da internet já foi considerado por muitos como uma ameaça a própria geografia “[...] a Internet tem uma geografia própria, uma geografia feita de redes e nós que processam fluxos de informação gerados e administrados a partir de lugares” (CASTELLS, 2015. P.212). Podemos entender a ciência geográfica como um artefato de investigação em múltiplos espaços, ou seja, ela não se detém apenas na descrição de espaços materiais, mas também de espaços virtuais, que emergem como consequência dos avanços técnicos. Então, pensar a geografia somente no espaço material, seria omitir parte desta ciência diante de suas vastas imbricações. Entretanto, a geografia está muito bem articulada com debates acerca do ciberespaço, não só em relação a mediação de saberes (foco desta pesquisa), como também na forma como os sujeitos se agrupam nesta espacialidade.

Ainda de acordo com Castells (2015), ocorre uma repaginação das configurações territoriais, estas passam a surgir através dos processos frenéticos de concentração e descentralização de conexões espaciais, isto é, territórios que eram formados apenas em torno de coisas ou ações materiais (seja um rio, um lago, um grande centro comercial etc.), reformulam-se no ciberespaço, passando a considerar outros fatores para formação de territórios cibernéticos.

No ciberespaço também há pontos que dividem os usuários, a diferença é os motivos pelos quais tais divisões ocorrem. Cabe um destaque para as comunicações entre os sujeitos no ciberespaço, na qual há uma linguagem característica da cultura cibernética. No entanto, essa linguagem é interpretada de forma subjetiva entre os sujeitos. Assim sendo, a própria comunicação já pode ser entendida como um divisor de usuários no ciberespaço.

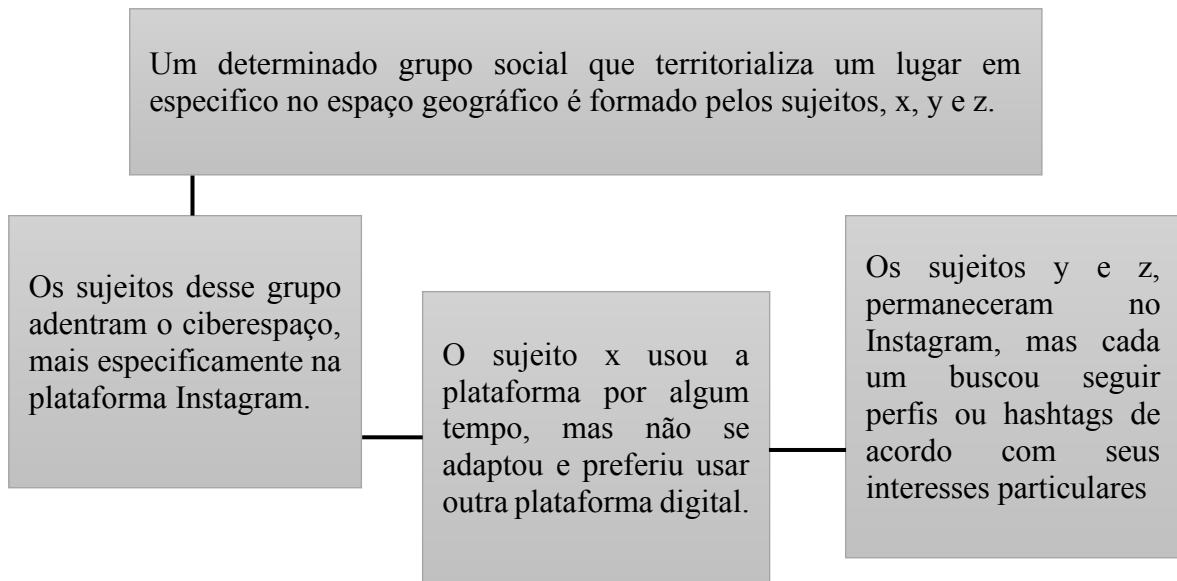
Haesbaert (2005) aponta esse processo como uma multiterritorialidade pós-moderna, a qual vai além da justaposição de múltiplos territórios, sendo está uma experiência inovadora através da compreensão espaço-temporal. Essa multiterritorialidade é apresentada em diferentes graus de conectividade. O autor enfatiza ainda que

A realização da multiterritorialidade contemporânea, fica evidente, envolve como condições básicas a presença de uma grande multiplicidade de territórios e sua articulação na forma de territórios-rede. Estes, como já vimos, são por definição, sempre, territórios múltiplos, na medida em que podem conjugar territórios-zona (manifestados numa escala espacialmente mais restrita) através de redes de conexão (numa escala mais ampla). (Haesbaert, 2005, p.67).

Por conseguinte, pode-se entender que a multiterritorialidade contemporânea tem se desenvolvido em ambientes virtuais de características iguais ou semelhantes ao *Instagram*, porém não podemos pensar em múltiplos territórios (o que formam a multiterritorialidade), sem destacarmos o espaço de nossas cinesias cotidiana, as quais formam territórios como, bairros, cidades, estados etc. Estes estão interligados aos espaços das redes de conexões. Esse mesmo processo ocorre no ciberespaço, porém de maneira articulada com os interesses e/ou necessidades pessoais dos internautas, os quais são conduzidos por meio uma lógica do governo. Estes constroem e ocupam subespaços no mundo virtual, formando rizomas de informações e manifestações relacionadas a algo em comum que tais sujeitos tenham ou busquem em determinados ambientes, desenvolvendo assim, múltiplos territórios dentro do ciberespaço.

Observe o exemplo abaixo:

Ilustração 05: Diagrama de Representação dos Processos de Territorialização no Ciberespaço



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Os sujeitos citados no exemplo acima “desterritorializaram” a espacialidade material, desse modo levam consigo seu modo de vida, sua cultura e crenças para a espacialidade virtual, nesse momento ocorre uma “reterritorialização”, com uma característica diferente da que ocorre entre dois territórios do espaço geográfico, pois o fato dos sujeitos migrarem para o ciberespaço não os desconectam do território material no qual eles vivem. Em suma, eles ocupam um “novo território” de forma simultânea, haja visto que o ciberespaço não é desconectado da materialidade, como aponta os pressupostos de (LÉVY, 1996).

Por se tratar de um ambiente no qual “[...]a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques” (CASTELLS, 2015, p.143), os sujeitos nem sempre se adaptam a certos subespaços (que nesta pesquisa seriam os perfis e as hashtags). É a partir desta problemática que ocorre os processos de territorializar, desterritorializar e reterritorializar nos subespaços cibernéticos, pois os usuários tem essa liberdade de escolhas, assim como de mudá-las a qualquer momento, desde que não descumpram nenhuma política de uso das plataformas digitais.

Contudo, é preciso pensar uma geografia em rede que não se desconecte da espacialidade material, mas sim um elemento que problematize os muitos espaços contidos tanto no mundo material, como no virtual. Diante disso, entendemos que as ocupações no ciberespaço são caracterizadas pela onipresença, ou seja, os sujeitos podem “ocupar” mais de um espaço de forma simultânea, além dos processos de territorialização ter uma flexibilidade maior

comparado aos do espaço material, há ainda como os sujeitos permanecer em dois ou mais locais no ciberespaço, o que também não é possível no espaço material. Essas e outras questões são cabíveis a geografia considerando seu potencial para complexificar questões socioculturais.

Sabemos que as características entre a espacialidade material e a virtual tem suas próprias peculiaridades, que vão diferenciar as práticas exercidas pela humanidade em cada uma delas. Uma dessas práticas é a forma como os sujeitos se comunicam. O fator comunicação é uma característica muito clara sobre as disparidades entre as espacialidades material vs virtual. No capítulo seguinte, teremos um panorama da linguagem que utilizada para corroborar com as relações presentes nos ambientes virtuais.

2 COMUNICAÇÕES ENTRE SUJEITOS NA ESPACIALIDADE VIRTUAL, UMA LINGUAGEM CARACTERÍSTICA DA CIBERCULTURA

Através das observações no ciberespaço, é possível verificar que a linguagem utilizada pelos sujeitos para se comunicar, apresenta aspectos que na espacialidade material não são vistos. No ciberespaço há inúmeros signos e símbolos que são utilizados pelos sujeitos para representar suas ações, expressões ou emoções. Entretanto, o intuito deste capítulo é discutir e demonstrar alguns destes signos e símbolos que a cibercultura reproduz para compor as interações no ciberespaço.

Instigo-me a concordar com Tonetto (2017) ao destacar em sua tese de doutorado, que as interações entre geografia, educação e comunicação extrapolam a ideia da escrita formal, pois, a leitura e a recepção de informações criam significados diferentes pelos seus receptores. Partindo desse pressuposto e considerando o *locús* desta pesquisa, é relevante destacar o viés da virtualização das informações que nos alcançam através das telas, dando ênfase a uma comunicação pautada na contemporaneidade. Silva; Corrêa; Sousa (2020) afirmam que as múltiplas linguagens despertam ainda mais o interesse de sujeitos (sejam eles estudantes da educação básica ou não), que acessam e seguem determinados perfis pedagógicos no *Instagram*.

Por se tratar de um ambiente de vivências frenéticas, onde o tempo e os espaços são caracterizados de formas diferentes do que vivenciamos no espaço material, os mecanismos de comunicação na espacialidade virtual possibilitam diversas formas de interações entre os sujeitos que territorializam o ciberespaço. Nesse sentido, há uma transformação na experiência de corpo (material), passando a ser um corpo de “rede”, da mobilidade, da velocidade e que de forma virtual atravessa fronteiras geográficas para estabelecer contatos com diversos atores engajados nessa teia de conexões que é a cibercultura. BALDANZA (2006) reflete que

A nova tecnologia trouxe o afastamento do corpo nos processos comunicacionais, uma vez que não era mais necessária a presença física para a efetivação da comunicação. Portanto, a escrita foi um marco no que denominamos hoje como comunicação mediada por ser uma das primeiras formas de separar a comunicação e conseqüentemente a sociabilidade da presença corporal (BALDANZA. p.3 2006).

Desse modo, podemos entender que a comunicação entre os corpos no ciberespaço acontece de forma mais aguçada e envolve novos elementos para expressar os pensamentos e emoções. A escrita (seja de palavras ou não) passa a ser cada vez mais utilizada do que a

presença física no viés da socialização. Considerando as possibilidades contidas na plataforma Instagram, vale destacar o uso de emoticons, sinais de pontuação repetidos e até mesmo letras repetidas com o propósito de expressar emoções. Vejamos o exemplo no quadro abaixo:

Ilustração 06: Quadro de Representações Corporais Através da Linguagem Usada na Plataforma *Instagram*.

Recursos verbais usados com frequência no Instagram	Emoção que o corpo ausente pretende transmitir
kkkkkkkkkkkkkkk	Risadas ou gargalhadas
Socorrooooo!!!!	Grito
Vlw; flw; obg	Agradecido
Rsrrsrsrsrs	Risos
:-)	Felicidade
:-*	Beijo

Fonte: DUARTE.M.R.M, 2022. Baseado em informações de <https://www.instagram.com>

É possível observar no quadro algumas das muitas formas de linguagem utilizada pelos internautas. Vale ressaltar, que as emoções que aparecem nas telas podem ou não ser um sentimento real do indivíduo, já que na espacialidade virtual, há essa liberdade de identidade, visto que não há a presença física para comprovar as ações do corpo ausente. A título de exemplo, não é possível identificar se ao digitar a letra “K” repetidas vezes, o sujeito estará de fato dando gargalhadas. Trata-se de uma especificidade da cibercultura, na qual segundo PASSERINO (2006) “a comunicação estabelecida no ciberespaço é mediada por computador”; “está disponível publicamente”: “é gerada em forma de texto escrito”; e “as identidades dos participantes da conversação são mais difíceis de serem discernidas”. (apud SALES, 2012 p. 119).

Partindo desta análise, é válido destacar ainda, que a internet de modo geral tende a ser vantajosa por facilitar a sociabilidade a distância. Baldanza (2006) pondera que, um dos atrativos da internet seria a permissão de interações sem a necessidade do corpo físico e sem as barreiras geográficas, ou seja, aos desapropriar-se do corpo material/físico e adentrar no ciberespaço, os indivíduos podem estar em toda parte de forma simultânea sem precisar se locomover, apenas utilizando um dispositivo de conexão contínua com acesso à internet.

Ainda de acordo com Baldanza (2006), a facilidade de ir e vir na internet torna as relações mais desapegadas da necessidade do corpo físico. A autora também destaca, que essa ausência do corpo físico pode acarretar problemas como: a proliferação de informações falsas, conteúdos

indesejados, invasão de privacidade e até mesmo propagação de vírus pela rede. Contudo, podemos destacar que o advento da internet, bem como a crescente sociabilidade nos espaços virtuais, traz consigo riscos e prejuízos. O fato citado anteriormente pode ocorrer de forma muito recorrente, mesmo que passe despercebido pela ótica dos sujeitos. Há, portanto, inúmeras outras possibilidades de manipulação (seja de emoções ou de dados) no mundo ciberespaço.

Diante disso, a comunicação, bem como as expressões emocionais na espacialidade virtual, por muitas vezes torna-se rasas e até falsas. Seria esse um contraponto a liberdade da identidade do sujeito no ciberespaço. Apesar das inúmeras políticas de uso das plataformas, não há uma maneira de configurar o corpo físico das pessoas para agir do mesmo modo que se comunicam, ou fazer com que elas adentrem no ciberespaço com seus nomes conforme está em sua certidão de nascimento.

No tocante aos saberes geográficos, são muitas as questões e interações presentes na plataforma *Instagram*. Por meio das análises em perfis temáticos de geografia, foi observado o quão tem se desenvolvido as relações socio virtuais pautadas em discussões que envolvem saberes geográficos. Estas, por sua vez, apresentam-se moldadas pelas características da plataforma em questão, pela linguagem contemporânea e conseqüentemente pela cibercultura de sujeitos que territorializam subespaços onde contém trocas dos saberes supracitados.

2.1 O USO DAS TIPOLOGIAS LINGÜÍSTICAS ASSOCIADAS AOS SABERES GEOGRÁFICOS NO CIBERESPAÇO

Muito antes do saber geográfico ser reconhecido como uma ciência, a humanidade já utilizava a linguagem verbal e não verbal para comunicar-se e expressar informações sobre o espaço. O uso de artefatos como desenhos (que davam origem a mapas mentais), observações e trocas de informações entre os indivíduos, sobre clima, vegetação, estações do ano etc., já existia.

Foi somente ao fim do século XIX que a geografia passou a ser considerada uma ciência. A partir disso, cada vez mais tem se aprimorado as linguagens para decifrar conhecimentos relacionados a esta ciência de tamanha abrangência. Considerando a linguagem digital que surge através da Revolução Técnico-científico-informacional, Morais (2013) aponta que tal

linguagem amplia e potencializa as possibilidades que os indivíduos tem de produzirem conhecimento, utilizando as múltiplas linguagens no ensino de geografia.

Vivenciamos a geografia atual em meio a uma sociedade com características distintas das gerações anteriores. Tal sociedade se destaca pelo poder de uma cultura midiática e digital. Diante disso, podemos destacar que os saberes geográficos têm passado por uma “ressignificação” em sua forma de apresentação, de modo que, a crescente cultura das mídias e ferramentas tecnológicas em geral, resulta em uma série de possibilidades de ensino e aprendizagem da ciência geográfica. Se tratando de ressignificação podemos citar a da comunicação entre os sujeitos, que nesta pesquisa será analisada por meio das tipologias linguísticas presentes no *Instagram*, bem como pela ação dos sujeitos através das interações através destas tipologias.

2.1.1 AS TIPOLOGIAS LINGUÍSTICAS PREDOMINANTES NOS PERFIS ANALISADOS

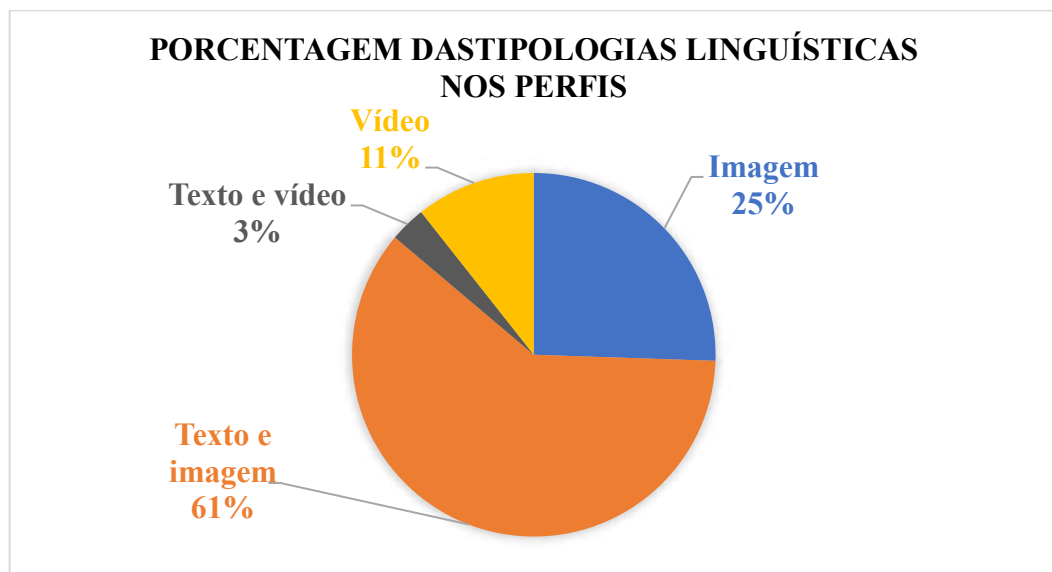
Por meio do perfil criado na plataforma digital *Instagram* o @geo_ciber, foi possível selecionar os perfis temáticos de geografia, para posteriormente averiguar em publicações destes perfis as tipologias linguísticas predominantes na mediação dos saberes geográficos. A idéia desta análise foi efetivada a partir de pesquisa anterior pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), a qual se debruçou sobre estas mesmas análises, porém em outras publicações. Segundo Foucault (2008), as tipologias linguísticas atuam como práticas discursivas e não-discursivas pautadas na organização dos saberes, desse modo, tais análises trazem não só a identificação dos temas geográficos mais abordados nessa faceta do ciberespaço, como também relacioná-los com demandas sociais, matérias reverberadas no ciberespaço.

As tipologias linguísticas (aqui elencadas como imagens, sons, vídeos e textos), foram tabuladas minuciosamente para trazer a debate e problematizar as práticas discursivas e não-discursivas na plataforma *Instagram*. No entanto, buscou-se repostas para alguns questionamentos, sob os quais: Como os sujeitos interagem com os conteúdos dos perfis de geografia? Quais tipologias predominam dentro do *locus* da pesquisa? Com quais destas tipologias os sujeitos engajam mais? Como estão sendo apresentados os saberes geográficos

mediados nesta faceta do ciberespaço? Esses são alguns questionamentos que impulsionaram as análises, as quais são relevantes para diagnosticar como os saberes geográficos tem se construído na cibercultura, além de destacar as possibilidades e contribuições no que se refere a utilização da plataforma para ensino de geografia.

O gráfico abaixo ilustra as quantificações das tipologias linguísticas analisadas nos perfis do *Instagram*, que veiculam saberes geográficos. As análises se debruçaram na observação e tabulação de dados de doze (12) perfis, os quais passaram por uma filtragem entre setenta (70) perfis, que se seguia com intuito de observar as postagens, estes, foram encontrados com base em buscas por enunciados já descritos neste trabalho (*ver ilustração 02*). Foram consideradas no mínimo nove publicações relevantes no Feed destes, totalizando cem (100) análises, sendo três antigas (as primeiras postagens feitas no perfil), três intermediárias (postagens intermediárias em relação ao tempo das primeiras), e três recentes, (entre as 10 últimas postagens). Vale ressaltar que nem todas as análises seguiram esse padrão referente ao número de publicações haja visto que estas passaram de nove (9) em alguns perfis, por eles demonstrarem um elevado potencial de interação e contribuição para a pesquisa. O gráfico a seguir é baseado em cálculos de porcentagens a partir do número total de publicações analisadas.

Ilustração 07: Gráfico de Porcentagem das Tipologias Linguísticas Mapeadas nos Perfis do *Instagram*.



Fonte: DUARTE, M.R.M, 2021-2022. Baseado em informações de <https://www.instagram.com>

Com base na observação e posteriormente uma tabulação, foi possível chegar aos resultados contidos no gráfico. É possível notar que, a maioria dos perfis utilizam a imagem como uma ferramenta para explicar e ilustrar os conteúdos geográficos. No entanto, os números de associação da imagem com o texto, são ainda mais elevados. Sobre o uso de estratégias metodológicas que envolve a imagem, Morais (2013) afirma que

[...] amplia a compreensão da produção e reprodução do espaço, favorecendo a leitura e interpretação dos processos responsáveis por sua configuração; desvendando lacunas, rugosidades, sobreposições e coexistências relativas as ações, formas, funções e tempos que comporta; possibilitando conexões entre conceito e empiria. (MORAIS, 2013, p. 259).

Para o autor a imagem funciona como uma ferramenta que expande o entendimento sobre o espaço. Então, se a imagem expande o entendimento, conseqüentemente as possibilidades de debates se tornam maiores. Durante as análises foi possível identificar o quanto a imagem trazia maior engajamento nos perfis analisados como foi possível observar isso? Descrever., bem como promovia debates acerca do empirismo sobre determinadas temáticas que eram apresentadas através das postagens que utilizavam a imagem como recurso com fins pedagógicos. Estas, em sua maioria, eram acompanhadas de textos explicativos sobre saberes geográficos.

Oliveira; Giordani; e Tonini, (2018), apontam que a geografia em seu contexto visual atua como condutora para construção do conhecimento através da ótica e das subjetividades as quais concebem as imagens. As imagens no ciberespaço se apresentam como voláteis e manipuláveis Santaella (2010, p. 185), uma vez que, as imagens na espacialidade virtual são compostas por movimentos, podem ser modificadas, podem ainda sumir e reaparecer a qualquer momento. Com base nisso, podemos mais uma vez constatar o quão o ciberespaço é um ambiente que se deve adentrar e permanecer cuidadosamente e sempre em alerta.

Gráficos, mapas mentais, fotografias, tabelas, infográficos, charges e todos os anseios advindos das imagens voláteis “[...]é uma sintonia do domínio da comunicação gráfica como forma da constituição de subjetividades” (OLIVEIRA; GIORDANI; & TONINI, 2018, p. 21). Entretanto, a geografia por sua vez tem um papel relevante no fornecimento de uma imagem atualizada do espaço geográfico, tendo em vista que este espaço e as práticas de saberes contidas nele, alcançaram características intrínsecas (TONETO, 2017). Para Oliveira; Giordani; e Tonini, (2018) essas características passam a ser híbridas, pois integram-se de designações materiais e digitais, deste modo, tendem a construir outras espacialidades por meio de outros códigos, como enfatizam os autores supracitados. Nessa perspectiva, as imagens são relevantes

para fornecer informações, se apresentam como uma tipologia linguística aliada a construção de saberes geográficos mediados pela cultura material e também na cibercultura, considerando as singularidades de cada uma.

Contudo, diante das análises nos perfis e em contraste com as ideias dos autores, é possível afirmar que, as minúcias pelas quais as imagens são postas, através de enunciados e/ou ilustrações (as quais fogem de um texto escrito somente utilizando frases), sempre são acompanhadas de debates, questionamentos e críticas construtivas. Esse fato torna-se relevante para essa pesquisa, pois demonstra que há nos perfis um engajamento de sujeitos pensantes e atentos, e o mais importante, sujeitos com um olhar crítico que podem expressar-se de forma pública, bem como trazer para debate as trocas de saberes geográficos. Esse é um comportamento frequente nas publicações dos perfis, o fato é que, nem sempre essas publicações demonstram ou citam uma fonte de obtenção de dados

2.2 AS FONTES POR TRÁS DO COMPARTILHAMENTO DE IDEIA E SABERES GEOGRÁFICOS MEDIADOS NO *INSTAGRAM*

Indubitavelmente, as práticas sociais em ambientes virtuais tornam-se alvos de ideias e informações falsas, comumente chamadas de *Fake News*⁹. As Notícias Falsas têm sido palco de debate na atual conjuntura, a ascensão da tecnologia é considerada a principal causa da propagação de ideias pautadas em opiniões, crenças e não em fatos reais (BECKR e GOES, 2019). “Morozov (2018, p. 186) aponta que, as *Fake News* funcionam como um subproduto do capitalismo digital”. No entanto, a inserção destas informações não verídicas no atual processo de descentralização das notícias na internet, colaboram

[...]para a perda do “monopólio” dos jornalistas como contadores de histórias do presente e da autoridade institucional do jornalismo. A falta de qualidade de apuração e o excesso de informações tendem a consolidar o ambiente de boato em rede. (Idem, p.50).

⁹ Tradução: Notícias falsas. “[...]parte da desordem informacional existente no mundo contemporâneo. Tal desordem pode operar como um instrumento de fortalecimento de relações de poder, negando fatos e evidências científicas ou historicamente comprovadas” (BECKR e GOES, 2019, p. 50).

Diante disso é importante que estejamos atentos ao uso das plataformas digitais como o *Instagram*, sempre averiguando os dados em fontes que compartilham dados compostos pela veracidade dos fatos. Para isso, devemos nos atentar para os detalhes, pois Segundo Beckr e Goes (2019) as *Fake News* costumam apresentar-se em formato de notícia real vinculada ao uso de mecanismos de inteligência artificial, a exemplo dos algoritmos, bots, tecnologias de big data, o que conseqüentemente tende a confundir e até mesmo manipular o entendimento dos sujeitos com acesso as tais notícias.

Trata-se de uma problemática complexa, uma vez que, “Nossas elites não querem saber. Sua narrativa sobre as *Fake News* é, ela mesmo, *Fake*” (MOROZOV, 2018, p. 183). Vivemos em um contexto cujo as próprias instituições convencionais e partidos governantes em conjunto com a mídia, elegem informações falsas. De acordo com o mesmo autor, é possível entendermos tal fato por meio das eleições dos Estados Unidos, na qual Donald Trump obteve sucesso, isso se associa, segundo o autor, a fatores culturais como o racismo ou até mesmo a ignorância de seus eleitores.

Ainda de acordo com Morozov (2018), o problema não são as *Fake News* propriamente ditas, e sim a facilidade e propagação destas devido o capitalismo digital, o qual é caracterizado como um novo colonialismo com a função de inserção cultural, econômica e militar do imperialismo. Sem dúvidas esse argumento vai de encontro as observações durante o levantamento de dados desta pesquisa, assim como em outras plataformas digitais, no *Instagram* também existem produções e compartilhamentos de narrativas falsas, construídas de forma pensada para atrair cliques de sujeitos da cibercultura.

Vivenciamos um cenário de imposições de verdades, muitas delas enunciadas a partir de falsificação ou manipulação de dados. Uma solução para a problemática das *Fakes News*, Segundo Morozov (2018, p.186) seria:

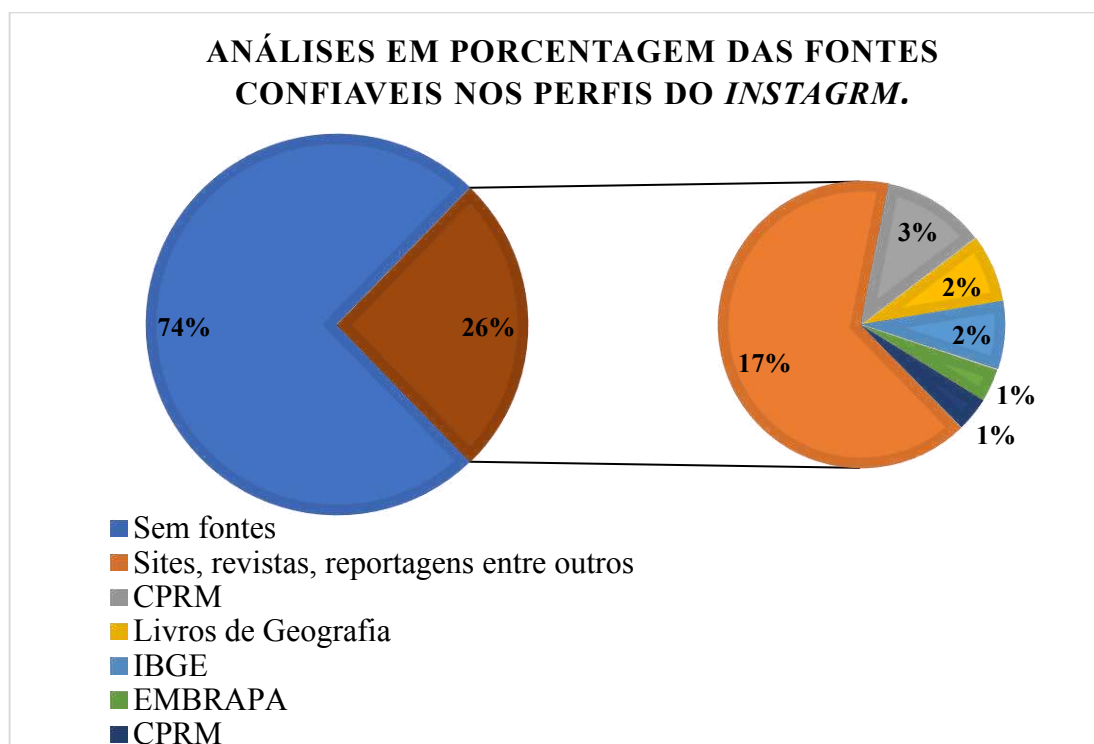
[...]repensar completamente os fundamentos do capitalismo digital. Precisamos fazer com que os anúncios virtuais – e a ânsia destrutiva de clicar e compartilhar que os acompanha – tenham menos influencia no modo como vivemos, trabalhamos e nos comunicamos. Ao mesmo tempo, precisamos delegar mais poder de decisão aos cidadãos – e menos a especialistas facilmente corrompidos e corporações venais.

O autor corrobora com o poder de capacidade que o sujeito crítico tem diante de um cenário como o atual, caracterizado pela evolução desenfreada capitalismo digital. A cibercultura instalada nas espacialidades virtuais estão em sua maioria em torno dos cliques em hiperlinks que chamam atenção e aparentemente supre suas necessidades pessoais, porém, essa

é uma estratégia desenvolvida com o objetivo de atração. Contudo, é necessário delegarmos um poder sobre nossas decisões, sem que sejamos manipulados pelas austeridades propostas em um ambiente digital.

Além de enunciados falsos, no ciberespaço também é comum nos depararmos com a disseminação de saberes com base em ideologias e opiniões, ou até mesmo informações sem qualquer referência que permita levar um dado mais seguro ao sujeito que visualiza. Com isso, os sujeitos que se baseiam naquela informação tendem a reproduzi-las, podendo ser convencidos da veracidade de uma ideia mentirosa/equivocada. Esta seria uma forma de como ocorre as propagações das fake News. Nesse caso, as construções de saberes mediadas no ciberespaço podem ser consideradas nocivas aos sujeitos, interferindo na construção de seus aprendizados. Diante disso, é relevante problematizar essa informação nos perfis catalogados. A seguir um gráfico demonstrativo sobre a referenciação dos saberes geográficos postados nos perfis analisados.

Ilustração 08: Gráfico de Percentual das Fontes Confiáveis no Perfis do *Instagram*.



Fonte: DUARTE, M.R.M., 2022. Baseado em informações de <https://www.instagram.com>

Para o desenvolvimento destas análises, foi considerado como fontes confiáveis aquelas que se baseiam em ideias de autores que são referências para os estudos de geografia, como

Milton Santos, Yves Lacoste dentre outros. Também foram consideradas fontes confiáveis aquelas que são de sites, revistas, reportagens, artigos etc., que trazem dados concretizados e que demonstram os fatos com cautela e responsabilidade, tais como: a revista National Geographic, o site BBC News Brasil etc., bem como sites que são referências para pesquisas em geografia como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Companhia de Pesquisas e Recursos Minerais (CPRM).

Os resultados enfatizam a predominância de informações sem fontes confiáveis nos perfis. No entanto, há publicações que mesmo não apresentando uma fonte de dados, trazem conteúdos com informações verídicas sobre os saberes geográficos, essa afirmativa se consolida através de estudos em fontes confiáveis que tratam do mesmo saber. Por outro lado, também foram observadas algumas postagens equivocadas ou incompletas, estas por sua vez não apresentam nenhuma fonte de dados, ou se resumem a uma imagem postada sem legenda (que geralmente é onde são citadas as fontes).

2.3 OS SABERES GEOGRÁFICOS PREDOMINANTES DIANTE DAS PUBLICAÇÕES NOS PERFIS DO INSTAGRAM

A geografia presente nos perfis analisados apresenta-se por meio de imagens, vídeos e textos (como foi demonstrado na figura 05). A linguagem visual se mostrou predominante nas publicações, estas por sua vez, apresentam-se na forma mapas, gráficos, imagens de satélites, infográficos, charges, memes etc. Por meio de tais tipologias linguísticas, são apresentados os saberes geográficos, a seguir vejamos a tabela que demonstra a quantificação de saberes geográficos por área, a partir dos dados coletados em perfis e publicações selecionados para esta pesquisa.

Ilustração 09: Tabela dos Saberes Geográficos Mediados nos Perfis Analisados.

Área dos saberes geográficos	Quantidade de publicações
Geografia Regional do Brasil	05
Geopolítica	05
Cartografia e Geoprocessamento	06

Geografia Física (Climatologia; Geologia; Pedologia; Hidrografia e Geomorfologia).	25
Questões ambientais	11
Geografia Econômica	09
Geografia e Saúde	02
Globalização e atualidades	05
Geografia da população	13
Geografia do espaço mundial	13
Geografia agrária	01
Questões socioculturais	02
Geografia urbana	03

Fonte: Elaboração: DUARTE, M.R.M, 2021-2022. Dados coletados no *Instagram*

Diante dos dados acima, pôde-se constatar um número elevado de publicações sobre aspectos físicos os quais a geografia engloba. Questões relacionadas a formação do relevo terrestre, classificações climáticas, caracterização de bacias hidrográficas, tipos de solo, intemperismo, entre outros, são conteúdos abordados nos perfis selecionados. Vale ressaltar que, em muitas publicações, há mais de uma área da geografia envolvida nos enunciados (*ver figura 08*). Isso foi visto com frequência no decorrer das observações dos perfis.

Ilustração 10: Captura de Tela de Imagem Publicada em um Perfil do Instagram



Fonte: DUARTE, M.R.M, 2022. Coletado em: <https://www.instagram.com>

A figura acima é uma captura de tela de uma publicação do perfil @geografia.online. Nesta ilustração podemos notar a presença da cartografia em conjunto com o Geoprocessamento, bem como questões socioculturais, pois traz uma espacialização de dados sobre assuntos que envolve grupos minoritários na América Latina. É válido salientar, que essa é uma das publicações a qual foi alvo de crítica por meio dos comentários, destacando a ausência de elementos essenciais em um mapa.

As observações em publicações nos perfis selecionados, foram especializadas e problematizadas neste capítulo. Através destas análises e dos pressupostos teóricos metodológicos de autores que embasaram as ideias deste trabalho, veremos no capítulo seguinte algumas funções da plataforma *Instagram* e suas possibilidades de utilização metodológica no ensino de geografia.

3 NÃO É APENAS UMA REDE SOCIAL, É UMA FERRAMENTA QUE POSSIBILITA UMA INTERFACE DE CONHECIMENTOS.

As práticas pedagógicas tradicionais na geografia escolar, precisam ser repensadas e adaptadas de acordo com a necessidade da atual sociedade. Diante disso é relevante entender que

Em tempos contemporâneos y especialmente em el área de conocimiento que nos toca, las ciencias sociales y humanidades, no podemos sino pensar em la construcción de conceptos polisémicos y cambiantes, para alcanzar una mirada ajustada y sensible a um mundo em movimento y em cambio incessante (RAQUEL, 2013, p. 456).¹⁰

Desse modo, é imprescindível que o professor de geografia (assim como de outras ciências sociais e humanas), construa junto aos seus educandos, uma relação de trocas baseadas no desenvolvimento crítico reflexivo, desconstruindo artefatos como as plataformas digitais, que são vistas como algo que “desvia” os sujeitos da aprendizagem. Porém, é preciso ver essas e outras plataformas como um artefato aliado na construção do aprendizado, haja visto o seu poder de atratividade para os jovens estudantes.

Neste capítulo, será enfatizado as possibilidades metodológicas que algumas funções da plataforma *Instagram*, de modo que, o sujeito/professor em geografia, possa ter um suporte a mais para incrementar em suas aulas, facilitando a interação dos sujeitos/alunos com a geografia, desconstruindo preconceitos de uma ciência monótona e baseada em práticas de ensino tradicionalista.

Muitas são as possibilidades de uso da plataforma *Instagram*, seja para uso pessoal, para divulgação de empresas e eventos, comercialização *online* de diversos produtos, de organizações, artistas entre outros. Na concepção de Corrêa et al. (2021, p.67), as ferramentas presentes em espaços digitais “proporcionam a propagação de informações de maneira rápida e para um público diversificado modificando as práticas de interação na atualidade”. Em suma, trata-se de um território do ciberespaço que complexifica e amplia as possibilidades de interação na cibercultura.

¹⁰ Na contemporaneidade e principalmente na área do conhecimento que nos toca, as ciências sociais e humanas, não podemos não pensar na construção de conceitos polissêmicos e mutáveis, para alcançar um olhar ajustado e sensível para um mundo em constante movimento e mudança. (Tradução da autora).

Existem inúmeras dificuldades do professor de geografia no que se refere as práticas pedagógicas em sala de aula “para conseguir captar a atenção dos alunos, as práticas pedagógicas tradicionais já não bastam. A sala de aula é transformada em um grande teatro, no qual os manter atentos por 55 minutos é o desafio!” (GIORDANI, 2016, p.50) é a partir de tal perspectiva, que se entende a necessidade de mudanças no tocante as formas de ensinar e aprender, é preciso repensar e adaptar práticas pedagógicas considerando os aspectos que caracterizam o sujeito/aluno.

Nos dias atuais, existe um leque de ferramentas digitais que podem auxiliar o professor a desenvolver aulas dinâmicas, a exemplo dos sites online gratuitos como: Wordwall, Kahoot, educaplay, dentre outros. Estas, proporcionam criação de quis em diversos formatos, de modo que o professor poderá adapta-lo de acordo com sua metodologia. A plataforma *Instagram* dispõe não só a função de enquetes (que funcionam como um quis), como também muitas outras possibilidades de uso pedagógico tais como: *lives*, publicações utilizando diversas tipologias linguísticas, caixas de perguntas, comentários nas publicações etc.

Nas palavras de Giordani (2016, p. 87) “A necessidade de sobreviver no cotidiano propõe outras geografias e atribui ao professor conhecer além dos cruzamentos dos conhecimentos geográficos e pedagógicos, em que a sensibilidade para o sociocultural aflora”. Entretanto, é preciso traçar caminhos para de fato chegar até os sujeitos de forma a contribuir com a aprendizagem e não se prender apenas aos currículos, mas considerar as subjetividades presentes em salas de aula, as quais atualmente são compostas por jovens conectados e engajados na virtualidade, o que podemos considerar como uma pista para chamar atenção destes, e a partir dessas pistas traçarmos o caminho para levar uma geografia mais dinâmica, não pragmática e atrativa.

A contemporaneidade tem nos inserido cada vez mais no mundo das técnicas, desse modo, não podemos pensar a sala de aula como um ambiente restrito ao que há naquele espaço material entre paredes, é preciso “ultrapassar” os muros da escola para legitimar novas práticas de construção dos saberes geográficos. De acordo com Giordani (2016, p.102)

A sala de aula é um território de aprendizagem, com suas fronteiras físicas delimitadas, mas transpostas pela cibercultura. É possível aprender em tempos e espaços além do território escolar delimitado, onde as redes, os fluxos de informação e comunicação, os instrumentos técnicos contemporâneos permitem *ir além* da formação tradicional que tivemos [enquanto professores de Geografia], para nos aproximar do cotidiano dos nossos alunos, da geração *e-tec*.

Não podemos negligenciar a realidade dos sujeitos que estão imersos nas técnicas contemporâneas desde o nascimento, nessa perspectiva, a autora supracitada aponta que o papel

do professor de geografia é se autotransformar para promover o diálogo com os alunos, bem como inserir a Geografia Escolar no movimento técnico científico e informacional, haja visto o quão ampla e dinâmica é esta ciência, a qual se apropria da tecnologia na mesma velocidade em que ela evolui (GIORDANI, 2016).

3.1 POSSIBILIDADES DE USO QUE A FERRAMENTA INSTAGRAM OFERECE PARA MEDIAÇÃO DE SABERES GEOGRÁFICOS

É visto que a construção de saberes mediadas em plataformas digitais como o *Instagram* tem se intensificado no decorrer dos últimos anos. Diante desse cenário de subjetivações do corpo humano imerso no ciberespaço, é preciso enfatizar o papel do sujeito que media a construção de saberes, o professor. Nessa perspectiva Silva; Corrêa; e Sousa (2020, p.109) apontam que “os docentes precisaram se apropriar e/ou ressignificar o uso das redes sociais para ampliar as oportunidades de aprendizado aos estudantes”, as autoras fazem questão de enfatizar experiências vivenciadas na plataforma *Instagram*, as quais evidenciaram as interações marcadas por múltiplas linguagens, que despertam o interesse de estudantes e demais seguidores do perfil no qual foi desenvolvido atividades pedagógicas contemplando saberes abordados no Enem.

De acordo com Guimarães (2013, p. 220) o mundo atual é caracterizado por artefatos midiáticos, os quais são “postos em circulação nas diversas redes informacionais e dialogam constantemente uns com os outros em um intenso processo de intertextualidade”, desse modo os sujeitos são atingidos por tais artefatos como programas de tv, revistas, sites, plataformas digitais, dentre outros, por meio desses artefatos é possível identificar a disseminação de comportamentos, modos de viver, trabalhar, estudar etc., estamos diante de um contexto em que os sujeitos crescem com uma forte ordem discursiva que os moldam cada dia mais (GUIMARÃES, 2013).

Diante exposto, podemos destacar a plataforma *Instagram* como um “território” que se cria a partir das interações e relações de poderes que ali passam a existir. Nessa plataforma, assim como em outras que são denominadas popularmente de “redes sociais” existe a capacidade de multitarefas do indivíduo, que funciona como uma rede cognitiva (TONETTO, 2017, p 60). A autora explica que

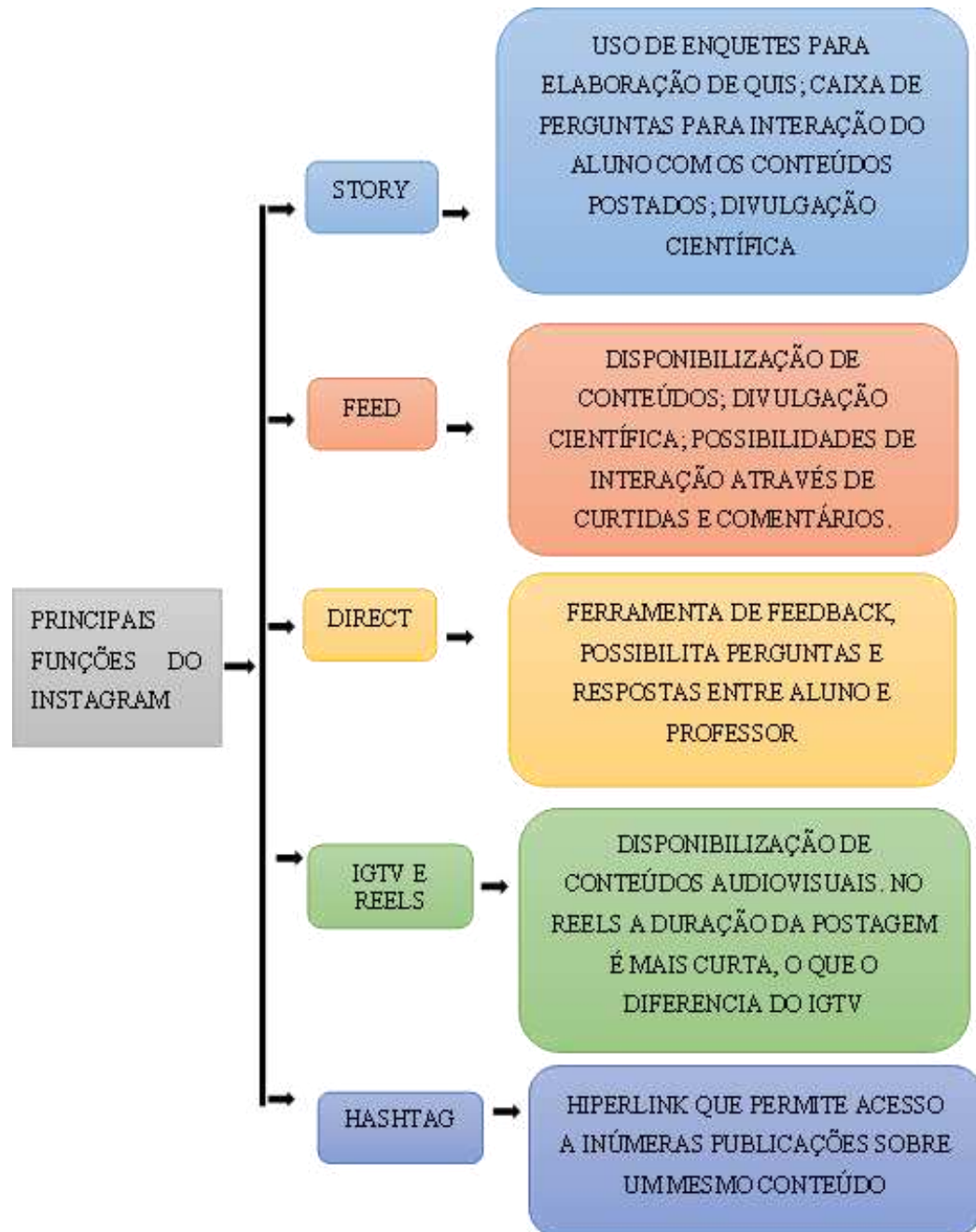
[...]para entender as funções multitarefas, é importante diferenciá-las entre concorrentes e simultâneas. Assim, as concorrentes são as que não podem ser executadas ao mesmo tempo, como dirigir, atender o celular e trocar a estação de rádio. Já as simultâneas, são as que podem ser executadas em conjunto, como dirigir e falar, apertar os botões do videogame e conversar em rede com outros jogadores, ainda que, nessa última, é muito mais fácil perder a atenção e se enveredar por outra tarefa, como entrar em um outro site, assistir a um tutorial e assim por diante. (TONETTO,2017, p.61).

Contudo, é visto o quão o ciberespaço e conseqüentemente seus territórios tendem a ser ocupados por uma cultura baseada nas multitarefas, sendo assim, os sujeitos passam a exercer práticas com características ubíquas, podendo desenvolver várias tarefas simultâneas. Portanto, um aluno/sujeito pode navegar em um determinado site enquanto está assistindo aula (de forma presencial), buscando informações sobre o conteúdo que o professor está trabalhando naquele momento, ou até mesmo, se comunicar com outros sujeitos e outras inúmeras coisas que é possível fazer apenas com um aparelho de conexão contínua conectado a uma rede de internet.

Além das múltiplas tarefas no ciberespaço, há também as múltiplas funções, o *Instagram*, por exemplo, oferece muitas opções de uso. Há espaços destinados a publicações que duram o tempo que o usuário quiser que são as do Feed, pois podem ser excluídas ou arquivadas a qualquer momento, assim como há a função que o próprio *Instagram* determina o tempo de visibilidade, que são os stories, nesse a duração é de 24 horas, após esse tempo a publicação só aparecerá caso o usuário arquive na função destaques, que fica na mesma aba do feed.

Assim como o Feed, as demais funções da plataforma também podem ser consideradas como instrumentos da docência, vejamos de forma detalhada no diagrama abaixo algumas possíveis formas de uso no processo de ensino e de aprendizagem.

Ilustração 11: Diagrama das Principais Funções no Instagram com aplicações para o Ensino de Geografia.



Fonte: Elaborado por: DUARTE, M.R.M, 2022. Com base em observações no *Instagram*.

3.2 UTILIZANDO AS FUNÇÕES DO *INSTAGRAM* NO ENSINO DE GEOGRAFIA

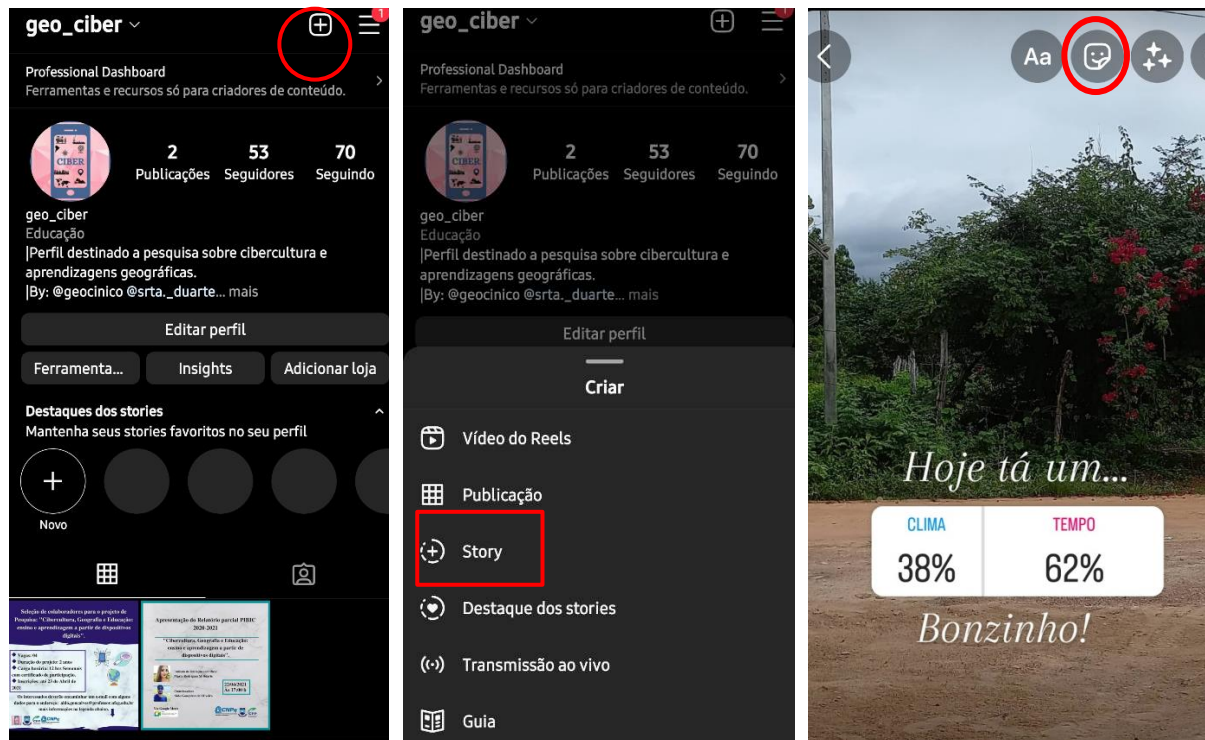
3.2.1 A FUNÇÃO STORIES

A função stories do *Instagram* permitem que os usuários compartilhem momentos cotidianos que ficam disponíveis por 24 horas para visualização. São permitidas postagens de imagens, texto, vídeos curtos, GIFs, áudios, fotografias com ou sem filtros. Através dos stories também é possível interagir, pois há um espaço que destina as respostas daquela postagem para a caixa de direct. É possível também adicionar outros elementos de interação que podem contribuir para construção de conhecimentos (ver figura 10), tais como: caixa de perguntas e enquetes. É nos stories que também encontramos a opção live, tal qual permite uma transmissão em tempo real, onde o sujeito/professor pode utilizar para debates sobre assuntos que envolvam a geografia. Desse modo seria possível convidar outros participantes para contribuir com o momento, sejam eles professores de outras instituições ou profissionais de outras áreas.

Diante das possibilidades de uso pedagógico vista na função stories do *Instagram*, uma delas seria a de um método de avaliação. O professor pode utilizar-se das enquetes como alternativas de perguntas para elaborar questões objetivas de múltipla escolha, nesta, o professor poderá ter acesso a porcentagem de respostas, bem como quem votou em cada alternativa (ver figura 11). Há também a opção teste, na qual a alternativa correta aparecerá na cor verde para o sujeito que vota, já as demais alternativas aparecerão na cor vermelha. Aqui o sujeito/professor verá o número de respostas em cada alternativa, e logo abaixo os usuários que votaram em cada uma (ver figura 12). Outra possibilidade é vista na caixa de perguntas, a qual pode ser utilizada para questões discursivas com uma limitação de caracteres, visto que, a plataforma estabelece limites em seus espaços de interação. Nesta, o sujeito/professor tem acesso as respostas (ver figura 13).

Por meio dos stories, é possível ainda divulgar informações e eventos científicos relacionados aos conteúdos de geografia vistos em sala de aula, de modo que o professor avalie o conteúdo antes de compartilhar. E suma, trata-se de uma função muito ampla, que tem um potencial para contribuir na construção de conhecimentos em diferentes áreas do saber. Vejamos abaixo figuras que exemplificam com está função pode ser utilizada pelo sujeito/professor.

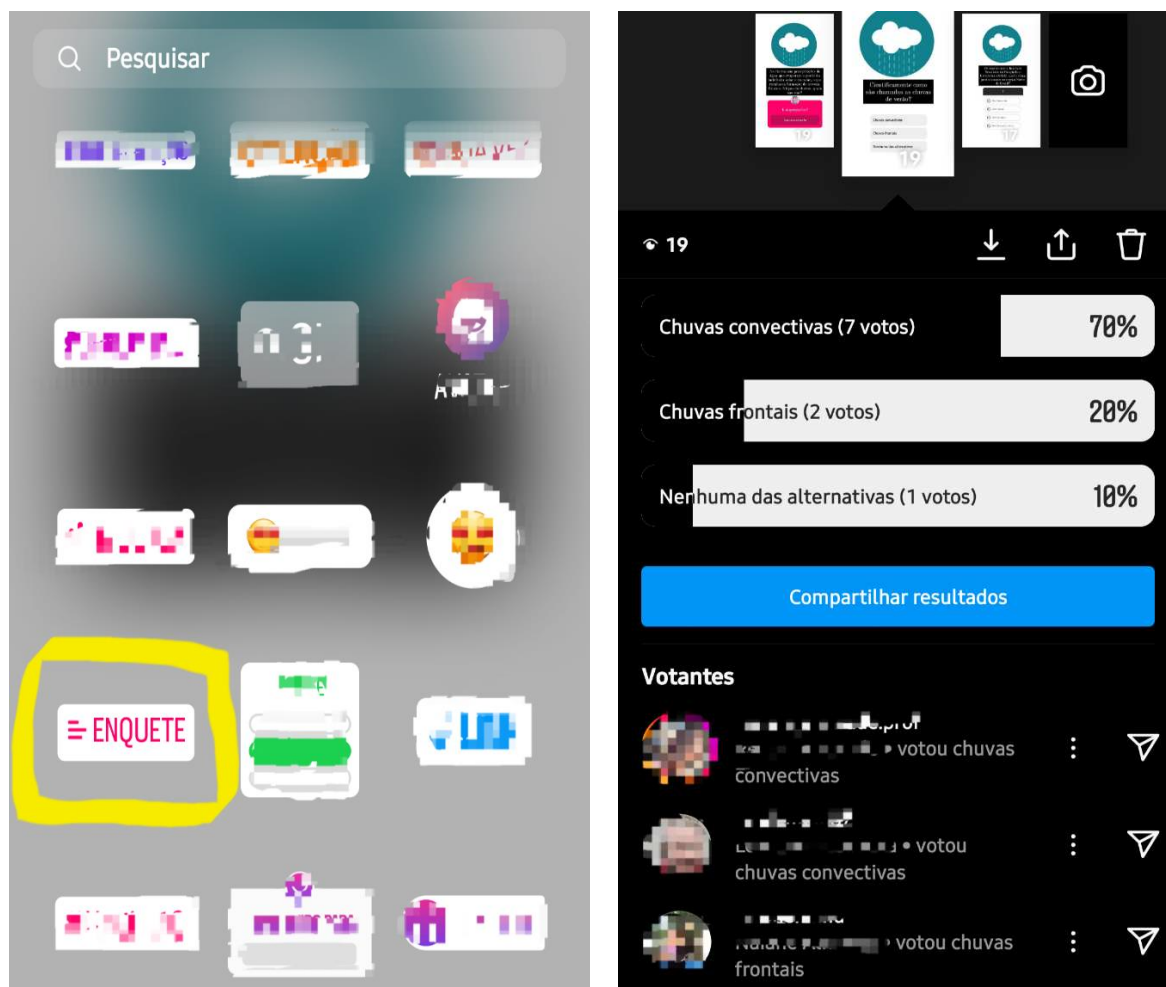
Ilustração 12: Identificação do Ícone para Adicionar Elementos de Interação nos Stories do Instagram.



Fonte: Capturas de telas, DUARTE, M.R.M, 2022.

Na colagem acima, observa-se uma captura de três telas diferentes a partir de um *smartphone* no perfil criado para coleta de dados. Os destaques em vermelho correspondem aos ícones que devem ser acessados para efetuar uma postagem utilizando a função stories, é importante ressaltar que, existe mais de uma sequência a ser seguida para acessar esta função na plataforma. Na imagem da direita, encontra-se circulado o ícone que dá acesso aos elementos que incrementam ainda mais as publicações neste espaço. A seguir veremos mais detalhadamente como utilizá-los.

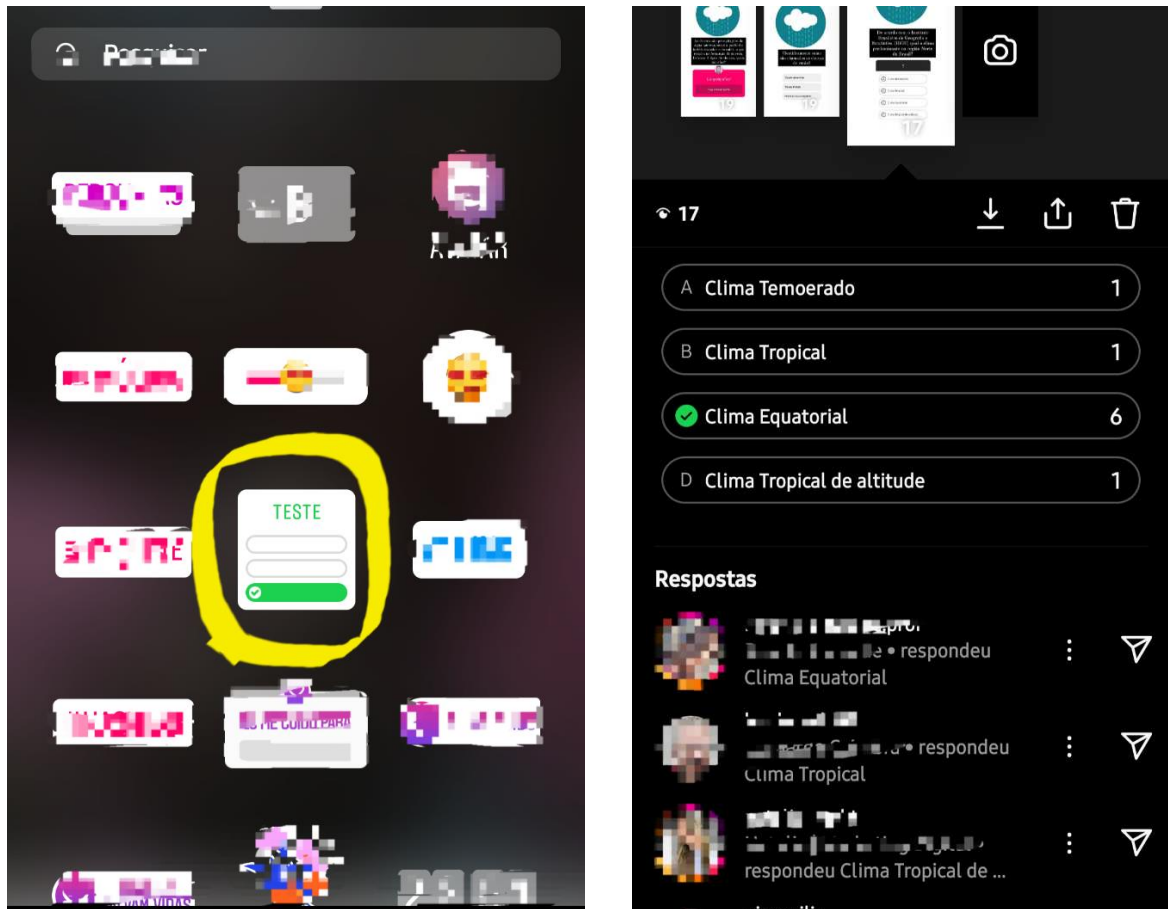
Ilustração 13: Enquetes nos Stories do Instagram.



Fonte: Capturas de telas, DUARTE, M.R.M, 2022.

O uso das enquetes é muito prático para publicações que envolvam saberes geográficos, pode ser utilizados recursos visuais para atrair o sujeito/aluno, tais como: mapas qualitativos, quantitativos ou ordenados, gráficos, imagens que ilustram tanto a geografia física como a geografia humana, seguidos de questões sobre o que está sendo exposto através das enquetes nos stories. Trata-se de um artefato que proporciona ao sujeito/professor e conseqüentemente ao sujeito/aluno uma interação pedagógica para além das propostas em sala de aula. Como podemos notar na imagem acima, é possível usar das enquetes para avaliar os sujeitos que respondem, pois, além da possibilidade de acompanhar a porcentagem de votos em cada alternativa, também pode-se visualizar quem votou e qual foi a alternativa escolhida.

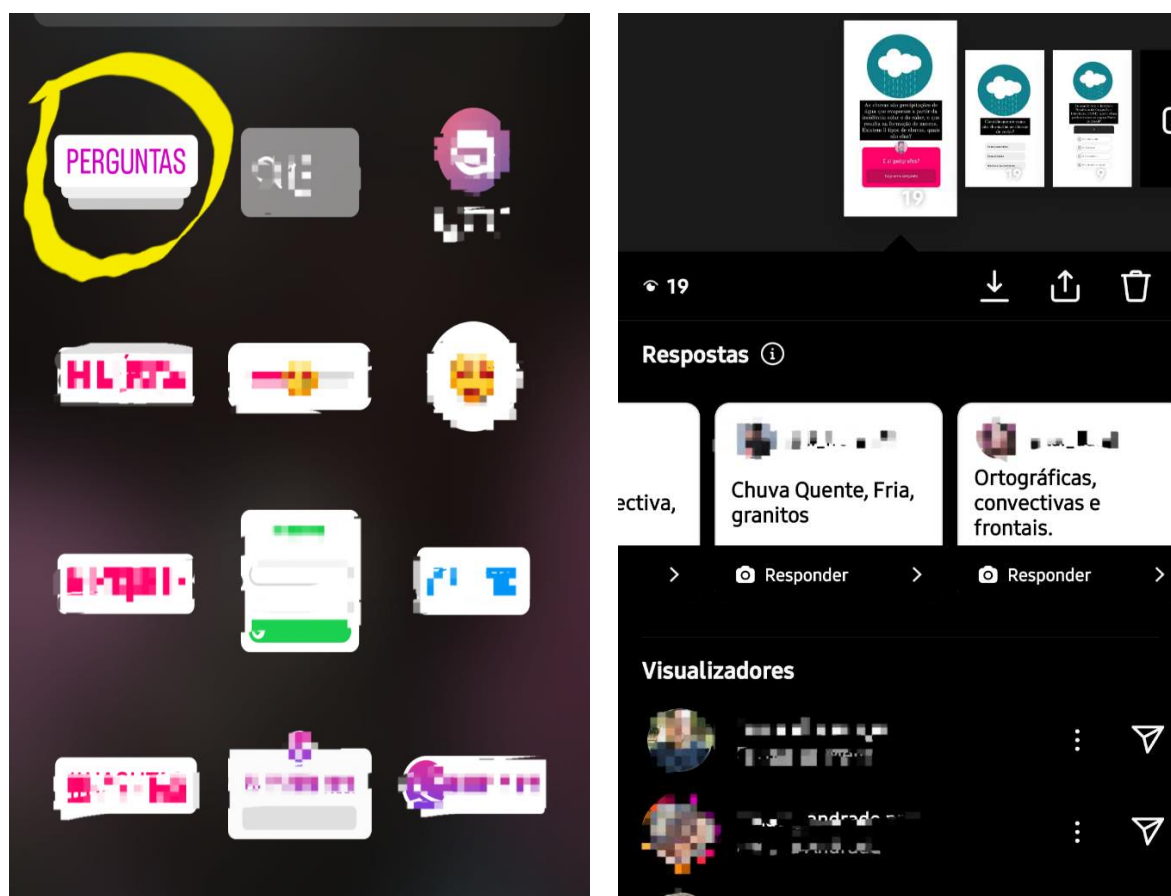
Ilustração 14: Testes nos Stories do Instagram.



Fonte: Capturas de telas, DUARTE, M.R.M, 2022.

Esta funcionalidade tem muito em comum com as enquetes, pois também pode ser utilizada com a mesma finalidade (avaliativa), sendo possível a construção de questões de múltipla escolha. Seu diferencial é na forma como se apresenta. Os sujeitos/alunos que votam na função “teste”, tem acesso imediato a resposta correta, a qual o sujeito/professor que criou, seleciona antes de postar na rede, este, visualiza os números exatos de votantes em cada alternativa, tendo acesso a todos que votaram e qual alternativa escolhida.

Ilustração 15: Caixa de Perguntas nos Stories do Instagram



Fonte: Capturas de telas, DUARTE, M.R.M, 2022.

A opção caixa de perguntas pode ser uma grande aliada do professor de geografia, visto que “a disciplina da Geografia pode contribuir para que os alunos/cidadãos desenvolvam sua capacidade de aprender não apenas alguns conceitos, mas de ter consciência e senso crítico” (LOPES, 2013, p.3), já que, o sujeito/aluno poderá responder utilizando suas próprias palavras e suas observações sobre as questões postuladas na espacialidade virtual, pois, a caixa de perguntas permite uma interação de respostas discursivas.

3.2.2 A FUNÇÃO FEED

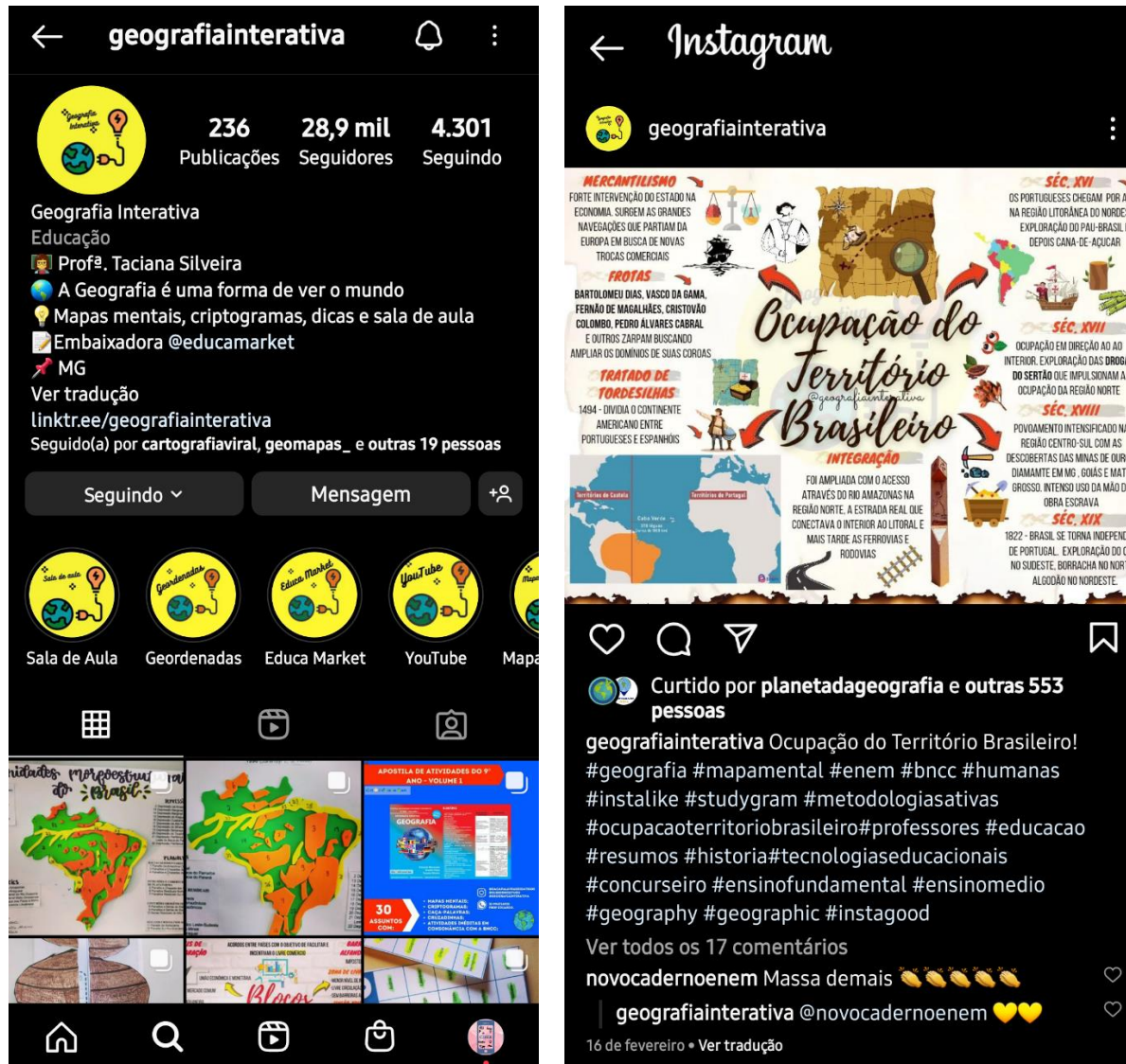
O *Feed* de notícias é um espaço para publicações de fotografias, imagens e vídeos que podem ser complementados ou não por uma legenda em forma de texto. Existem também possibilidades de inserir a localização geográfica e marcar outros perfis nas publicações. Funciona como uma espécie de álbum, de modo, que as publicações ficam armazenadas no

perfil do sujeito/usuário aparecendo em ordem cronológica, da mais antiga para a mais recente (ver figura 14). É importante salientar, que as lives (citadas anteriormente), também poderão ser salvas no Feed, possibilitando o acesso daqueles que não puderam acompanhar em tempo real.

Visto as publicações que compuseram o corpo analítico desta pesquisa, é válido destacar a importância do uso da função *Feed* para fins pedagógicos, uma vez que, neste espaço é possível uma interação entre os sujeitos de forma explícita. Imaginemos uma publicação sobre um determinado assunto de geografia. Essa publicação pode ser vista como uma parte da aula que seria ministrada pelo professor, os comentários nesta publicação, seria as interações dos alunos com o professor e com o conteúdo. Cabe destacar, que aqui não há pretensões de trazer a sala de aula para o *Instagram*, mas sim, trazer essa plataforma digital para a sala de aula, como uma ferramenta que possa agregar nas metodologias do professor de geografia.

Diante do exposto, é viável propor o uso desta função para que o professor possa compartilhar notícias e/ou conteúdos que contemplem e agreguem mais sentidos a sua aula, disponibilizando links para que os sujeitos/alunos possam acessar o material. Outra proposta seria justamente o que compôs parte da análise desta pesquisa, trata-se da criação de publicações utilizando as tipologias linguísticas para construir um ambiente de trocas. Dessa forma, o sujeito professor poderá usar o Feed ao seu favor, como uma espécie de quadro de exposição para publicar desenhos, mapas, croquis, esquemas gráficos, imagens, fotografias e até mesmo vídeos para que os sujeitos/alunos tenham acesso aquelas informações que somadas a sua aula contribuam com o entendimento dos conteúdos. É importante ressaltar, que esse material também poderá ser acessado e reutilizado por outros sujeitos usuários da plataforma *Instagram*.

Ilustração 16: Feed de um Perfil Temático sobre Geografia.



Fonte: Capturas de telas, DUARTE, M.R.M, 2022.

Na figura acima observa-se capturas de tela por meio de um *smartphone*, do perfil temático denominado Geografia interativa. À esquerda temos a apresentação de elementos que o administrador do perfil criou. Visualmente pode-se considerar um espaço bem atrativo, com muitos recursos visuais que atraem a atenção de sujeitos interessados em assuntos relacionados a ciência geográfica. Logo, na captura de tela ao lado direito, temos uma das publicações que foram analisadas neste trabalho, utilizando-a para demonstrar como o professor pode se apropriar da função Feed para arquitetar um espaço de construção dos saberes geográficos. Neste caso, há um esquema em forma de imagem, o qual retrata um breve resumo com muitos elementos visuais (desenhos, símbolos e figuras), sobre ocupação do território brasileiro, conteúdo que pode ser utilizado desde os anos finais do ensino fundamental até o ensino médio

na disciplina de geografia. É importante observar que existe no *Feed* muitas formas de interação com a publicação, são elas: curtir, comentar, compartilhar, salvar.

3.2.3 A FUNÇÃO DIRECT

Esta função é se encontra no canto superior direito da tela na plataforma, é um espaço destinado a troca de mensagens, trata-se de um bate-papo que possibilita o compartilhamento de textos, imagens, vídeos e até mesmo videochamadas. Neste espaço há uma privacidade entre os sujeitos envolvidos na conversação. Diante disso é importante enfatizar que

O sujeito professor tem um papel importante como mediador entre o aluno e a informação recebida, promovendo o “pensar sobre” e desenvolvendo a capacidade do aluno de contextualizar, estabelecer relações e conferir significados às informações “(PONTUSCHKA, 2009, p.262).

Contudo, a função direct demonstra sua relevância na espacialidade virtual para construção de saberes, uma vez que através desta existe a possibilidade de interação direta do sujeito/aluno com o sujeito/professor, sendo assim há como o professor desempenhar sua função de mediador dos saberes.

O direct oferece e estimula o diálogo entre o sujeito professor e sujeito aluno em diversas ocasiões, seja para tirar dúvidas particulares fora do ambiente escolar a respeito de determinados assuntos visto em sala de aula ou até mesmo na internet, como também em casos de timidez do aluno, uma vez que o sujeito aluno se sinta mais à vontade para interagir com o docente na espacialidade virtual. Existe ainda a possibilidade de criação de grupos, onde o professor poderá utilizar desse suporte para inserir suas turmas e organiza-las de forma separadas para estar enviando conteúdo ou interagindo com os alunos/sujeitos por meio deste canal.

3.2.4 AS FUNÇÕES IGTV E REELS

Estas funções estão descritas juntas, justamente pelas características comuns que há entre elas. A função IGTV ou simplesmente o Instagram TV foi é muito utilizada para postagem de vídeos longos. De acordo com as políticas da plataforma, é possível vídeos de até 15 minutos,

o que poderá auxiliar o sujeito professor que queira trazer um vídeo para compor parte da sua aula e não tenha disponível recursos para exibição, a exemplo de um refletor ou até mesmo um dispositivo como notebook ou computador de mesa. Outra forma de apropriação pedagógica nesta função, seria compartilhar como uma atividade extraclasse, recomendando o vídeo seguido de um breve resumo elaborado por cada sujeito/aluno nos comentários.

No que se refere aos vídeos no Reels, é possível postagens com duração de apenas 60 segundos. Apesar do curto tempo, também possibilita a veiculação de saberes, podendo ser utilizado para resumir um determinado conteúdo de forma dinâmica e expressiva, utilizando sons, imagens e recurso simbólicos para fixação do conteúdo apresentado. De modo geral, os vídeos postados em ambas as funções, podem ser considerados como um reforço, funciona como um elemento a mais que o sujeito/professor produz com o intuito de auxiliar seus educandos mesmo fora do ambiente escolar e do horário programado das aulas de geografia, que atualmente é de 50 minutos.

3.2.5 A FUNÇÃO *HASHTAG*

Essa função (já descrita no capítulo 2 desta pesquisa), poderá ser uma aliada do sujeito/professor na construção de saberes. Tanto em publicações dos stories como no Feed é válido o uso desta função. Por gerar um hiperlink quando usamos o símbolo # permite um alcance maior. Uma vez que o sujeito/professor de geografia usa esse símbolo a frente de uma palavra-chave para a geografia, os sujeitos/alunos poderão ter acesso a outras inúmeras publicações as quais possivelmente irão abordar a mesma temática. Portanto, as hashtags abrem caminhos no ciberespaço, possibilitando uma interação dos sujeitos com outros perfis que também discute e/ou apresenta conteúdos relacionados a geografia.

3.3 INTELIGÊNCIA COLETIVA E/OU PROTEÇÃO AOS DADOS: UM CONTRAPONTO

A inteligência coletiva postulada por Pierre Lévy é construída a partir de uma democracia, de modo que abrange os indivíduos em geral, não sendo restrita a grupos

prioritários. O autor enfatiza que essa inteligência no ciberespaço é possível por meio de argumentos dos sujeitos da cibercultura, o que corrobora na criação de novos espaços produzidos de forma dinâmica e colaborativa (LÉVY, 2000).

Vivenciar a espacialidade virtual, principalmente no que se refere às práticas educacionais, requer planejamento e atenção do docente para algumas questões. Primeiramente, deve-se estudar o perfil socioeconômico dos educandos, uma vez que a desigualdade social é muito presente no ambiente escolar, principalmente nas instituições públicas que se localizam em áreas periféricas. Diante disso, é preciso pensar na inserção dos alunos no ciberespaço, para muitos não é uma tarefa possível, uma vez que não existe uma condição financeira para a aquisição de aparelhos de conexão contínua, e/ou uso de rede de internet. Dados do IBGE no ano de 2019 revelam essa questão, enquanto 92,6% dos estudantes da rede privada tinham um aparelho de conexão contínua, este percentual era de apenas 64,8% entre aqueles da rede pública de ensino.

É visto em Miranda (2021) baseado em pressupostos de David Lyon, que as plataformas digitais, não são tão gratuitas como parece. Vejamos, há sempre um interesse econômico por trás da gratuidade, instantaneidade e sociabilidade que tanto nos agradam, segundo a autora é aí que mora o perigo pois, “[...]vivemos um novo regime de mediação da informação, no qual existe constante vigilância dos passos virtuais para fins econômicos ou políticos, com a consequente personalização da experiência digital” (MIRANDA, 2021, p.54), isto é, apesar de termos acesso a inúmeras ferramentas tecnológicas na internet por um valor acessível para boa parte da sociedade, geramos um valor altíssimo para o capitalismo tecnológico imersos no mundo de vigilância que há nos espaços virtuais.

Nesse sentido, Miranda se apropria das antíteses de Lyon que problematiza o otimismo de Pierre Lévy em relação à educação mediada no ciberespaço. A autora faz questão de destacar não só os interesses capitalistas por trás das redes, como também o quão vulneráveis somos diante da cibercultura. Ocorre no ciberespaço, o que a autora denomina de vigilância em rede, esta, “nada tem a ver com a segurança, mas com o poder” (MIRANDA, 2021, p. 59), esse poder é justamente a vigilância que exercemos no ciberespaço e/ou outros exercem sobre nós. De acordo com a autora, os riscos não se dão apenas na esfera das macrorrelações de poder, mas também são vistas na esfera do micropoder, ou seja, relações cotidianas em que os sujeitos usuários da rede estão submetidos (MIRANDA, 2021).

Partindo dos pressupostos de Lyon (2015), não devemos temer o uso da rede, e, sim, controlar seus riscos (apud Miranda, 2021, p. 48). A privacidade dos sujeitos imersos no ciberespaço pode ser considerada vulnerável, visto que “Logo, as ameaças à privacidade não

são novidades do mundo tecnológico moderno. Ocorre que o conceito de privacidade, na era da cultura da vigilância, aos poucos, está se distanciando da proteção da dignidade humana e das liberdades democráticas” (MIRANDA, 2021, p. 62), desse modo, as práticas de vigilância na cibercultura tende a ser evasivas ao ponto de prejudicar os usuários, sejam em formas de prejuízos materiais ou invasão e aos dados pessoais.

As plataformas digitais e conseqüentemente a inserção dos sujeitos no ciberespaço de forma desenfreada, tende gerar debates por muitos pesquisadores os quais enfatizam tanto os pontos positivos como também negativos, ocorre que nem sempre sabemos até onde podemos navegar nesta rede de conexões na espacialidade virtual. Segundo Morozov (2018, p. 148) “a rápida ascensão das plataformas digitais produziu um estado do bem-estar privatizado, paralelo e praticamente invisível, no qual muitas de nossas atividades cotidianas são fortemente subsidiadas por grandes empresas de tecnologia (interessadas em nossos dados), esses interesses nada mais são do que estratégias de expansão para tais empresas.

É relevante frisar que além das grandes empresas do ramo tecnológico usar nossos dados para estrategicamente se expandirem no mundo capitalista, há ainda uma outra preocupação sem relação aos nossos dados e nossas ações no ciberespaço, os hackers, sujeitos que acessam nossas informações através da rede além de disseminar informações falsas e utilizar de programas ou códigos maliciosos para propagar vírus em rede.

No Documentário intitulado “o dilema das redes” disponível na plataforma de streaming Netflix, é possível observar claramente o quão vivemos sobre vigilância nas espacialidades virtuais, por meio dos algoritmos e da inteligência artificial, as plataformas digitais detém inúmeras informações sobre os sujeitos. No documentário em questão, pode-se notar enorme influência que os meios de comunicação exercem sob a sociedade moderna. De modo geral, as ações e atenção humana passa a ser uma mercadoria vendida para o anunciante que tem o poder aquisitivo de maior valor.

Por conseguinte, voltando na idéia de Lévy, a respeito da construção de uma inteligência coletiva no ciberespaço, podemos constatar que se trata de algo muito recorrente nos perfis em análise na plataforma digital Instagram. Entretanto, vale destacar que, nos espaços virtuais não há uma proteção aos dados de sujeitos imersos naquela espacialidade, pensando nos sujeitos/alunos, podemos salientar que seus dados estão assegurados na instituição de ensino que são matriculados, mas e em seus perfis no Instagram? Será que estão? Arrisco-me a dizer que não tanto. Esse seria mais um desafio para o docente ao implementar em suas metodologias o uso de plataformas digitais, podendo haver resistências, até mesmo da própria instituição e/ou da família não adeptos as tecnologias digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como tarefa averiguar como os sujeitos da cibercultura interagem com os saberes geográficos mediados no ciberespaço, bem como desconstruir preconceitos existentes sobre a utilização da plataforma digital *Instagram*. Considerando o papel da plataforma em questão no cotidiano da atual geração, buscou-se nessa espacialidade virtual, lugares (aqui entendidos como os perfis temáticos em geografia), estratégicos para problematizar a mediação dos saberes geográficos na cibercultura.

Por conseguinte, considerando as vivências *in locu* entrelaçadas aos debates de Pierre Lévy, Miranda e demais autores que embasaram a pesquisa, é possível concluir que, o ciberespaço, e conseqüentemente a plataforma digital em questão, pode ser considerado como promissor no tocante ao ensino de geografia, tendo como protagonista o sujeito/professor com sua mediação. É importante usar de metodologias que envolvam plataformas digitais como o *Instagram*, para contemplar as nuances que há entre as novas gerações de alunos/sujeitos que vivenciam cada vez mais uma cultura caracterizada pela ubiquidade.

Os processos de subjetivações no ciberespaço têm gerado uma aglutinação de ideias e construção de novas identidades na cibercultura. Tais processos é visto através do modo como os sujeitos se relacionam no ciberespaço, as mudanças vão desde ao tempo da execução de tarefas até a linguagem utilizada, a qual é marcada por símbolos que permitem expor expressões e emoções do corpo ausente.

Nesse sentido, observou-se nos perfis temáticos que a identidade dos sujeitos tem sido moldada a partir do poder que a tecnologia exerce sobre a humanidade. Contudo, é preciso desenvolver olhares mais críticos e reflexivos para com as ações que desempenhadas no ciberespaço, haja visto a conjuntura que existe nesta espacialidade. Portanto, quando Pierre Lévy demonstra seu otimismo em relação a práxis educativa mediada pela cibercultura, nos instiga a aderir este paradigma, porém, com uma atenção baseada nas críticas que Miranda postula, sobre construir saberes de forma coletiva em um espaço que podemos considerar como complexificador do mundo real.

Nessa perspectiva, utilizar a plataforma digital *Instagram* como uma interface de possibilidades para construção de saberes geográficos, é, por sua vez, uma estratégia que o docente poderá se apropriar para aproximar os alunos/sujeitos da geografia presente nos currículos escolares e/ou para além destes currículos. Entretanto, as trocas observadas nos perfis selecionados, se demonstraram em sua maioria baseadas em referências as quais consideramos

pouco confiáveis, haja visto, a ausência de autores e outros documentos dos quais o professor se apropria para ensinar e aprender geografia.

Diante das análises dos dados, constata-se que é preciso propor e incentivar os debates sobre o uso de artefatos tecnológicos, bem como o uso das tipologias linguísticas mediadas em plataformas digitais, como elementos que possam contribuir com um ensino de geografia pautado na construção de sujeitos pensantes, com base em informações concretas e sem doutrinações. Assim, é necessário a problematização por meio de pesquisas como esta, objetivando sempre contextualizar as transformações que ocorrem nos tempos e espaços da sociedade, a qual é caracterizada por modificações constantes.

REFERENCIAS

- AL-BAHRANI, A; PATEL, D. Incorporating Twitter, Instagram, and Facebook in Economics Classrooms. **The Journal of Economic Education**, v. 46, n. 1, p. 56-67.
- ALVES, A; MOTA, M; TAVARES, T. **O INSTAGRAM NO PROCESSO DE ENGAJAMENTO DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS: A dinâmica para a socialização do ensino-aprendizagem**. Revista Científica da FASETE, 2018.
- BALDANZA, Renata Francisco. **A comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual**. Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, v. 6, p. 1-15, 2006.
- BECKER, B; GOES, F.M de. A. **FAKE NEWS: Uma Possível Definição Entre Reflexão Crítica e a Experiência Jornalística**. Revista Latino-americana de Jornalismo. João Pessoa – PB, Vol.7, N.1, p. 34 a 53, outubro.2019.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Editora: Zahar. Tradução: Maria Luizax de A. Borge. Edição digital setembro de 2015.
- CHELOTTI, M. C. **A estância metamorfoseou-se: Reconfigurações territoriais e expressões da reterritorialização camponesa na Campanha Gaúcha (1990-2007)**. 2009, 288f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, UFU, Uberlândia, 2010.
- CORRÊA, A. M. de. S. et al. **Instagram como ferramenta de estudo: Reflexões Sobre a Produção de Conteúdos Em Mídias**. In: Redes e mídias sociais digitais na aprendizagem. São Paulo, mentes abertas, 2021, p. 65-73.
- CUPONATION. **Mídias sociais 2020 - número de usuários de redes sociais pelo mundo**. Disponível em: <https://www.cuponation.com.br/insights/redes-sociais-2020>. Acesso em: 20 dez 2021.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FREIRE, G & FREIRE, M. **Ações para competências em informação no ciberespaço: reflexões sobre a contribuição da metacognição** Enc. Bibli: R. Eletr. Bib. Ci. Inf., ISSN 1518-2924, Florianópolis, v. 17, n. esp. 1, p.1-23, 2012.

GIORDANI, A.C.C. **Cartografia da Autoria de Objetos de Aprendizagem na Cibercultura: Potenciais de e-práticas pedagógicas contemporâneas para aprender geografia**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Porto Alegre, RS – BR, 2016.

GUIMARÃES, I.V. **OS ARTEFATOS MIDIÁTICOS, A PESQUISA E O ENSINO DE GEOGRAFIA**. In: Formação Pesquisa e Práticas Docentes: Reformas curriculares em questão. João Pessoa: Editora Mídia, 2013. 496p.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Da Desterritorialização À Multiterritorialidade**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE, Diretorias de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua, 2019.

LEMO, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2015, 7 ed.

LÉVY, Pierre (1996). **O Que é Virtual?!**. Rio: Editora 34.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3 ed. Tradução de Carlos Irineu da Costa São Paulo: Editora 34, 2010.

LICHTENHELD, A.F; DUARTE, C.V; BORTOLON, A. **O Instagram Como Estratégia de Marketing Digital: Uma Pesquisa Ação na Wood Lanches**. 2018. Disponível em: <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/o-instagram-como-estrategia-de-marketing-digital-uma-pesquisa-acao-na-wood-lanches.pdf>>

LOPES, N. de. J. **O Ensino da Geografia e Sua Contribuição na Formação Cidadã do Aluno**. In: **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**. Versão On-line. ISBN 978-85-8015-076-6. Londrina – PR, 2013.

MAXIMIANO, L. A. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. R.RA 'E GA, Curitiba, n.8, p. 83-91, 2004. Editora UFPR.

MIRANDA, A.L. **Cibercultura e Educação: Pontos e Contrapontos Entre a visão de Pierre Lévy e David Lyon.** Trans/Form/Ação, Marília, v.44, n.1, p. 45-68, jan./ mar, 2021.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. **Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações.** *Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre v 4, n. 2, p. 1 -10, dez. 2006

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Diferentes Linguagens no Ensino de Geografia: Novas possibilidades.** In: **Formação, Pesquisas e Práticas Docentes: Reformas Curriculares em Questão.** Ed – Mídia. João Pessoa, 2013, p. 241-264.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política.** Tradução: Claudio Marcondes. - São Paulo: Ubu Editora, 2018. 192 p. Coleção Exit ISBN 978 85 7126 012 2

Navarro, J. (2020). **Brazil: Instagram user share 2020, by gender.** Recuperado de:<<https://www.statista.com/statistics/866193/instagram-user-share-brazil-gende />>.

OLIVEIRA, A.G de; GIORDANI, A. C. de C; TONINI, I. M. **A Imagem Regulada: Visualidade Espacial do PNLD do Ensino Médio.** In: **Geografia e Livro Didático Para Tecer Leituras de Mundo.** Ed – Oikos. São Leopoldo, 2018.

OLIVEIRA, T.R.M. Mapas, dança, desenho: a cartografia como método de pesquisa em educação. In: (Orgs.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 279-303.

Políticas de dados da Plataforma Instagram. Jun. de 2022. Disponível em: < <https://pt-br.facebook.com/help/instagram/581066165581870> >. Acesso em: jun. 2022.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009. – (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental).

RAQUEL, Gurevich. **EM EL CAMINHO DE ENSEÑAR NUEVOS TERRITORIOS: Conceptos a construir.** In: **Formação Pesquisa e Práticas Docentes: Reformas curriculares em questão.** João Pessoa: Editora Mídia, 2013. 496p.

SALES, Shirlei Resende. **Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação.** In: (Orgs.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 111-132.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação: Conectividade, mobilidades, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

SILVA, E. K. S da; CORRÊA, A. M. de S; SOUSA, J. B. de. **Utilização do Instagram como metodologia de ensino em tempo de pandemia**. In: **Prática Docente: rupturas, diálogos, inovações**. São Paulo, Mentis Abertas, 2020, 251 p.

SILVA, Egle Katarinne Souza Da et al. **Redes sociais e convite à pesquisa: uma aproximação necessária**. E-book VII CONEDU (Conedu em Casa) - Vol 01... Campina Grande: Realize Editora, 2021. p. 1519-1538. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/74138>>. Acesso em: 12/05/2022 19:36

SILVA, Simone Genuino da. **Entre filtros e hashtags: Instagram, o novo espelho de narciso**. / Simone Genuino da Silva. – Mossoró, RN, 2013.

TONETTO, Élide Passini. **Geografia, Comunicação e Educação: dispersões, conexões e articulações na cibercultura**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós Graduação em Geografia, Portalegre BR-RS, 2017.

